



Município de Odivelas
Câmara Municipal



Divisão de Saúde e da Prevenção das Toxicodependências

Sector do Observatório da Saúde “Odivelas Concelho Saudável”

Educação para a Saúde

Estudo sobre “A Educação Sexual em Meio Escolar”

Relatório

Odivelas

Março de 2009

FICHA TÉCNICA

Título:

A EDUCAÇÃO SEXUAL EM MEIO ESCOLAR NO CONCELHO DE ODIVELAS

Autoria:

Câmara Municipal de Odivelas

Divisão de Saúde e da Prevenção das Toxicodependências

Sector do Observatório da Saúde “Odivelas Concelho Saudável”

**Aplicação de Inquéritos, Bases de Dados, Análise Estatística e
Elaboração de Relatório**

José Alves

Introdução de Dados

José Alves, Teresa Noronha

Concepção de Questionários

José Alves, Paulo Rainha, Pedro Fernandes

Consultor Técnico

Nuno Nodin

Coordenação

Paula Ganchinho

Março 2009

ÍNDICE GERAL

	Pág.
Índice de Gráficos	3
Índice de Quadros	3
Índice de Figuras	3
INTRODUÇÃO	4
1 - ENQUADRAMENTO.....	5
2 – METODOLOGIA	7
3 – CARACTERIZAÇÃO DAS AMOSTRAS	10
3.1 – Alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico, Ens. Secundário e Profissional.....	10
3.2 – Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico	12
3.3 – Professores dos 2º e 3º Ciclos do Ens. Básico, Ens. Secundário e Profissional.	14
3.4 – Auxiliares de Acção Educativa (todos os graus de ensino)	16
4 – A ESCOLA E A EDUCAÇÃO SEXUAL.....	17
4.1 – A Actividade Escolar	17
4.2 – Necessidades Formativas	19
4.2.1 – Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico	19
4.2.2 – Professores dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, Secundário e Profissional.	21
4.2.3 – Auxiliares de Acção Educativa	23
4.3 – Os Alunos face à Educação Sexual	24
5 – SOBRE A NOÇÃO DE SEXUALIDADE.....	27
6 – SAÚDE SEXUAL E PREVENÇÃO.....	31
7 – A RELAÇÃO ENTRE OS VÁRIOS AGENTES EDUCATIVOS.....	40
7.1 – Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico	40
7.2 – Professores dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, Secundário e Profissional	41
7.3 – Auxiliares de Acção Educativa	41
7.4 – Associações de Pais/Encarregados de Educação	42
7.5 – Associações de Estudantes	43
7.6 – Agrupamento de Centros de Saúde – Equipas de Saúde Escolar	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Sexo – Alunos	10
Gráfico 2 – Estrutura Etária - Alunos (%)	11
Gráfico 3 – Ano de Escolaridade - Alunos (%)	11
Gráfico 4 – Sexo – Profs. 1º CEB	12
Gráfico 5 – Estrutura Etária – Profs. 1º CEB (%)	12
Gráfico 6 – Estado Civil/Situação Conjugal – Profs. 1º CEB	13
Gráfico 7 – Tempo de Docência (%) – Profs. 1º CEB	13
Gráfico 8 – Sexo – Profs. 2º, 3º CEB, Secundário e Profissional	14
Gráfico 9- Estrutura etária (%) - Profs. 2º, 3º CEB, Secundário e Profissional	14
Gráfico 10 – Estado Civil/Situação Conjugal (%) - Profs. 2º, 3º CEB, Secundário e Profissional	15
Gráfico 11 – Tempo de Docência (%) - Profs. 2º, 3º CEB, Secundário e Profissional	15
Gráfico 12 – Sexo – Aux. Acção Educativa	16
Gráfico 13 – Estrutura Etária (%) - Aux. Acção Educativa	16
Gráfico 14 – Há quantos anos trabalha nesta escola? (%) - Aux. Acção Educativa	17
Gráfico 15 – Profs. do 1ºCEB - Já frequentou alguma Formação na área da Educ. Sexual ?	19
Gráfico 16 – Profs. do 1ºCEB - Sente necessidade de ter formação na área da Educ. Sexual?	20
Gráfico 17 – Profs. dos 2º e 3º CEB, Sec. e Prof. - Já frequentou alguma Formação na área da Educ. Sexual?	21
Gráfico 18– Profs. dos 2º e 3º CEB, Sec. e Prof. - Sente necessidade de Formação na área da Educ. Sexual?	21
Gráfico 19 – Aux. de Acção Educativa - Já frequentou alguma Formação na área da Educ. Sexual?	23
Gráfico 20 – Aux. de Acção Educativa - Sente necessidade de ter formação na área da Educ. Sexual ? (%)	23
Gráfico 21 – Já participaste em actividades escolares sobre Educação Sexual?	25
Gráfico 22 – De que forma participaste em actividades sobre educação sexual? – resposta múltipla (%)	25
Gráfico 23 – De que forma é que preferes ser informado sobre a sexualidade na Escola – resp. múltipla(%).....	26
Gráfico 24 – O que mais associas à Sexualidade – resposta múltipla (%)	28
Gráfico 25 – Com quem falaste na última dúvida que tiveste sobre sexualidade? – resposta múltipla (%)	29
Gráfico 26 – Abordagem da Educação Sexual segundo os Níveis de Ensino (%)	31
Gráfico 27 – Opinião face ao início das rel. sexuais (%)	34
Gráfico 28 – Idade com que os jovens deviam iniciar rel. sexuais, respostas segundo o género (%)	35
Gráfico 29 – Principal razão para a 1ª rel. sexual (%)	36
Gráfico 30 – Sabes o que são métodos contraceptivos?	37
Gráfico 31 – “O preservativo deve ser usado para...” (%)	38
Gráfico 32 – Fontes de informação acerca de sexualidade – resposta múltipla (%)	39

Índice de Quadros

Quadro 1 – Estabelecimentos de Ensino do concelho de Odivelas (Rede Pública + Esc. Prof. Agrícola)	8
Quadro 2 – Universo Inquirido	9
Quadro 3 – Alguns Projectos Escolares na área da Educação Sexual	18
Quadro 4 – Profs. 1ºCEB - “Face aos temas seguintes, diga como se sentiu quando os abordou com os alunos” (%).....	20
Quadro 5 – Profs. dos 2º e 3º Ciclos, Sec. e Profissional “Face os temas seguintes, diga como se sentiu quando os abordou com os alunos” (%)	22
Quadro 6 – “O que entendes por sexualidade?” - nº de respostas múltiplas	27
Quadro 7 – Profs. do 1ºCEB – “O que considera mais importante ao nível da articulação com a Família?”.....	40
Quadro 8 – Profs. do 2º e 3º CEB, Sec. e Profissional – “O que considera mais importante ao nível da articulação com a Família?”	41
Quadro 9 – Aux. de Acção Educativa – Assinale se já lhe aconteceu alguma das seguintes situações	41
Quadro 10 – Alguns projectos desenvolvidos pelas Equipas de Saúde Escolar	44

Índice de Figuras

Figura 1- “(...) a educação sexual nas escolas tem como consequência (...)”	24
Figura 2 - “Qual(ais) a(s)principal(ais) dúvida(s) que tens sobre a Sexualidade?”	30
Figura 3 - Razões de <u>concordar</u> com a abordagem da Educação Sexual a partir do Pré-Escolar	32
Figura 4 - Razões de <u>não concordar</u> com a abordagem da Educ. Sexual a partir do Pré-Escolar/1ºCEB	33
Figura 5 - “Para que servem os métodos contraceptivos?”	37
Figura 6 - “No caso de abordar a sexualidade com os alunos, quais as questões mais frequentes com que se depara?”	42
Figura 7 – Assoc. Pais/E.E. – “A educação sexual nas escolas tem como consequência ...”	43
Figura 8 – “Tipo de actividades em que a Associação gostaria de participar ao nível da Educ. Sexual”	43
Figura 9 – “Que actividades gostaria de desenvolver/participar no âmbito da Educ. Sexual?”	46
Figura 10 – “Que actividades gostaria de desenvolver/participar no âmbito da Educ. Sexual”	46
Figura 11 – “Em que tipo de actividades gostarias de participar no âmbito da Educ. Sexual?”	47

INTRODUÇÃO

A Educação Sexual, entendida como uma vertente do processo global de educação bem como uma das componentes da promoção e educação para a saúde, contribui para a formação pessoal e social dos indivíduos e, fundamentalmente, para uma vida sexual e reprodutiva saudável, mais gratificante e responsável. É nesta perspectiva que o espaço escolar surge como um meio privilegiado para a abordagem de uma matéria fundamental no desenvolvimento humano, no qual deve ser realçado o papel de todos os elementos que compõem a comunidade escolar.

Através do presente estudo, a Divisão de Saúde e da Prevenção das Toxicodependências (C.M.Odivelas) pretende conhecer a forma como é promovida e abordada a temática da Educação Sexual nos estabelecimentos de ensino da rede pública do concelho de Odivelas (agrupados e não-agrupados) bem como aferir algumas percepções, opiniões e necessidades dos vários agentes educativos acerca da educação sexual em meio escolar, perspectivando o desenvolvimento de projectos/acções em parceria com a comunidade educativa. É um diagnóstico de situação junto da comunidade educativa que, ao envolver os vários agentes educativos, configura uma articulação com os diferentes agentes locais que têm intervenção no domínio da prevenção, promoção e educação para a saúde.

Assim, este Relatório, apresenta os resultados do estudo efectuado, sendo constituído por vários pontos de análise. Com efeito, após um breve enquadramento do tema da educação sexual (ponto um) e da explicação da metodologia adoptada para realização do estudo (ponto dois), é feita, no ponto três, uma caracterização da população abrangida pela inquirição. Num quarto ponto, é abordada a temática da educação sexual na realidade escolar odivelense, concretamente, projectos desenvolvidos nesta área, dificuldades e necessidades sentidas pelos vários agentes educativos envolvidos, o seu posicionamento e grau de participação em actividades de educação sexual em meio escolar. No ponto cinco, é analisada a concepção que os alunos têm da sua sexualidade. O sexto ponto, diz respeito à forma como os vários agentes educativos se posicionam face à educação sexual em meio escolar bem como em relação a alguns aspectos relacionados com a educação contraceptiva e preventiva. O ponto sete, analisa a relação que se estabelece entre os vários agentes educativos no âmbito da educação sexual em que também são aferidas algumas percepções, opiniões acerca da articulação entre os vários agentes educativos a este nível. Finalmente, são feitas algumas considerações finais acerca da temática em estudo, onde também é salientada a importância que esta autarquia poderá ter no âmbito do desenvolvimento de acções/projectos em parceria com a comunidade educativa e direccionados para a área da educação sexual em meio escolar.

1 - ENQUADRAMENTO

Segundo a Organização Mundial da Saúde, “a Educação para a Saúde é a combinação de acções sociais planificadas e de experiências docentes, concebidas para ensinar as pessoas a controlar os factores determinantes, os comportamentos e as condições que afectam o seu estado de saúde” (OMS, 1991).

Em Portugal, a Educação Sexual (ES) em Meio Escolar tem sido implementada no âmbito da Educação para a Saúde, tendo funcionado já alguns Programas a este nível, nomeadamente, o Programa de Promoção e Educação para a Saúde e o Projecto Experimental de Educação Sexual e Promoção da Saúde nas Escolas, tendo sido criadas algumas estruturas interministeriais de apoio, a saber: o Centro de Apoio Nacional (CAN) à Rede Nacional de Escolas Promotoras da Saúde (RNPEs) em 1998; a Comissão de Coordenação da Promoção e Educação para a Saúde (CPES) em 1999.

Estando ainda por ser feita uma avaliação acerca do trabalho realizado por aquelas estruturas (que foram perdendo a sua operacionalidade ao longo dos anos), o Ministério da Educação, em 2001, assinou um protocolo com três instituições (Associação para o Planeamento e Família, Fundação Portuguesa A Comunidade Contra a Sida e Movimento de Defesa da Vida) com vista a uma maior eficácia da implementação da Educação Sexual nas escolas dos ensinos básico e secundário. A estas organizações não governamentais, competia a realização de acções com os alunos, sensibilização e formação de professores, apoio às estruturas da escola na concretização de projectos, apoio técnico e pedagógico aos professores. São, com efeito, três organizações não governamentais que têm trabalhado nos últimos anos ao nível da implementação da educação sexual nas escolas. O facto de serem entidades exteriores às escolas, tem levantado a questão se deverá ser antes a própria Escola que deve assumir a responsabilidade de ministrar a educação sexual em meio escolar, uma vez que os professores são os agentes educativos mais próximos dos alunos, e poderão desempenhar essa tarefa, desde que estejam disponíveis, tenham formação e se sintam motivados ¹.

Várias têm sido, pois, as estratégias educativas adoptadas por parte do Ministério da Educação que, em conjugação de esforços com o Ministério da Saúde, têm visado a implementação de um programa para a promoção da saúde e da sexualidade humana.

No que respeita aos modelos pedagógicos que têm sido adoptados, regista-se uma pluralidade de espaços curriculares onde é abordada a Educação Sexual, em que coexistem práticas disciplinares e não-disciplinares (transdisciplinaridade). Porque se trata de uma área de formação pessoal e social, a implementação da Educação Sexual tem exigido a adopção de currículos abertos e flexíveis, que privilegiem a pedagogia compreensiva em detrimento da pedagogia impositiva.

Do ponto de vista do quadro normativo e legal, o Estado português garante o direito à Educação Sexual como componente do direito fundamental à educação. Com efeito, a Constituição da República Portuguesa consagra no seu edifício jurídico-legal (Artigo 67º) as incumbências do Estado em (...) “cooperar com os pais na educação dos filhos” e de (...) “garantir, no respeito da liberdade individual, o direito ao planeamento

¹ Ver a este respeito o Estudo elaborado pelo “Grupo de Trabalho de Educação Sexual”, Daniel Sampaio, Isabel Baptista, Margarida Matos, Miguel Oliveira da Silva, nomeado pelo Min. Educação em Junho de 2005.

de família, promovendo a informação e o acesso aos métodos e aos meios que o assegurem, e organizar as estruturas jurídicas e técnicas que permitam o exercício de uma maternidade e paternidade conscientes” (...). É, de facto, enquadrada a Educação Sexual em termos legislativos, em que, por um lado, se salienta o papel do Estado no cumprimento do direito que os alunos têm à educação sexual como componente do direito fundamental à educação; e, por outro lado, a prioridade do direito que os pais têm de escolher a educação dos seus filhos, cabendo ao Estado cooperar com os pais na educação dos filhos.

Neste sentido, apresenta-se de seguida uma súmula do enquadramento da Educação Sexual no plano jurídico.

Constituição da República Portuguesa.

Lei nº.3/84 sobre Educação Sexual e Planeamento Familiar (DR nº.71 – I Série de 24.03.1984 – pág. 981-3).

Lei nº.46/86 – Lei de Bases do Sistema Educativo (DR nº.237 – I Série, de 14/10/86 – pág. 3067-81).

Lei nº.48/90 – Lei de Bases da Saúde (DR nº.195 – I Série de 24.08.1990 – pág. 3452-9).

Lei nº.120/99, que reforça as garantias do direito à Saúde Reprodutiva (DR nº.186-I Série-A de 11.08.1999 – pág. 5232-4).

Dec-Lei nº. 286/89, sobre Organização Curricular (DR nº.198 – I Série de 29.08.1989-pág. 3638-44).

Dec-Lei nº.190/91, sobre a natureza e atribuições dos Serviços de Psicologia e Orientação (DR nº.113 - I Série-A de 17.05.1991 – pág. 2665-8).

Dec-Lei nº.300/97, sobre o regime jurídico da carreira de psicólogo no âmbito do Ministério da Educação (DR nº.253 – I Série –A de 31.10.1997 – pág. 5986-90).

Dec-Lei nº.115-A/98, que aprova o regime de autonomia, administração dos estabelecimentos públicos da Educação Pré-escolar e dos Ensinos Básico e Secundário, bem como dos respectivos agrupamentos (DR nº. 102 – I Série-A de 4.05.1998 – pág. 1998-(2)-(6)).

Resolução da Assembleia da República nº.51/98, sobre Educação Sexual e Planeamento Familiar (DR nº.253 – I Série-A de 2.11.1998 – pág. 5686).

Resolução do Conselho de Ministros nº. 124/98, sobre o Plano de Acção Interministerial sobre Educação Sexual e Planeamento Familiar (DR nº.243 – I Série – B de 21.10.1998 pág. 5484).

Resolução do Conselho de Ministros nº.7/99, que aprova o Plano para uma Política Global de Família (DR nº.33 – I Série-B de 9.02.1999 – pág. 722-5).

Portaria nº.52/85, que regulamenta as consultas de Planeamento Familiar e Centros de Atendimento de Adolescentes (DR nº.22 – I Série de 26.01.1985 – pág. 219-20).

Despacho Conjunto nº.271/98, sobre a Reorganização do Centro de Apoio Nacional (CAN) à Rede Nacional de Escolas Promotoras de Saúde (DR Nº.88 – II Série de 15.04.1998 – pág. 4922-3).

Despacho nº.12 782/98, (2ª. Série), sobre Saúde Reprodutiva (DR nº. 169 – II Série de 24.07.1988 – pág. 10 332).

Despacho nº.15 587/99 (2ª. Série), sobre a criação da Comissão de Coordenação da Promoção e Educação para a Saúde (DR nº.187 – II Série de 12.08.1999 – pág. 11 981-2).

“Saúde – Um Compromisso” – A Estratégia da Saúde para o Virar do Século (1988-2002).

O quadro normativo existente, que regula a Educação Sexual como componente da educação, atribui, pois, ao Estado e ao Sistema Educativo (por inerência, às Escolas) responsabilidades e deveres a este nível. A partir das vias curriculares e extracurriculares, aponta para um conceito da Educação Sexual que engloba tanto os aspectos biológicos e médicos como os da formação pessoal e social dos educandos, e cujos conteúdos pedagógicos estão bem definidos e incluídos nas finalidades do sistema educativo e nas áreas de formação dos ensinos básicos e secundário.

2 - METODOLOGIA

No âmbito da implementação do estudo em causa, foi desenvolvida uma estreita articulação com todos os agentes da comunidade educativa, em que o envolvimento das escolas da rede pública foi fundamental para a prossecução deste trabalho. Para o efeito, foram elaborados vários instrumentos de recolha de informação, concretamente, Inquéritos por Questionário e Fichas-Projecto, que foram aplicados aos vários agentes da comunidade educativa (professores; auxiliares de acção educativa; alunos; associações de estudantes; associações de pais/enc. de educação) bem como às equipas de saúde escolar dos centros de saúde do concelho. O trabalho de inquirição decorreu entre Dezembro de 2008 e Março de 2009.

As técnicas de inquirição utilizadas pretenderam diagnosticar de uma forma abrangente a comunidade educativa em matéria de educação sexual. Com efeito, os vários agentes que compõem a comunidade educativa, pelas suas características e especificidades diversas, tornaram necessário uma abordagem adequada e que tomasse em consideração os diferentes papéis que cada agente desempenha na comunidade educativa no âmbito da educação para a saúde.

Em termos do universo quantitativo a inquirir, e com o objectivo de assegurar uma maior representatividade e fiabilidade dos resultados do estudo, foram abrangidos pelo estudo todos os Agrupamentos escolares do concelho (escolas E.B.1 e E.B.2,3) bem como todas as escolas não-agrupadas (Escolas Secundárias + Escola Profissional Agrícola). Apresenta-se, pois, a listagem dos respectivos estabelecimentos de ensino:

Quadro 1
Estabelecimentos de Ensino do concelho de Odivelas (Rede Pública + Escola Profissional Agrícola)

Agrupamentos	Escolas
Agrup. Sudoeste de Odivelas	E.B. 2,3 António Gedeão
	E.B. 1 Famões nº3
	E.B. 1 Famões nº4
	E.B. 1 Quinta das Dálias
	E.B. 1/JI Veiga Ferreira
Agrup. Avelar Brotero	E.B. 2,3 Avelar Brotero
	E.B. 1 Odivelas nº5
	E.B. 1 Maria Máxima Vaz
	E.B. 1 António Bravo
	E.B. 1/JI D. Dinis
Agrup. D. Dinis	E.B. 2,3 Pombais
	E. B.1 Rainha Santa
	E.B. 1 /JI Maria Lamas
Agrup. Pontinha	E.B. 2,3 Pontinha
	E.B. 1 Mello Falcão
	E.B. 1 Dr. Mário Madeira
	E.B. 1 Serra da Luz
	E.B. 1 Vale Grande
	E.B. 1/JI Quinta da Condessa
	E.B. 1/JI Casal da Serra
E.B. 1/JI Quinta da Paiã	
Agrup. Pv. Sto. Adrião	E. B. 2,3 Carlos Paredes
	E.B. 1/JI Barbosa du Bocage
	E.B. 1 /JI Chafariz d'El Rei
	E.B. 1/JI Quinta de S. José
	E.B. 1/JI Olival Basto
Agrup. Caneças	E.B. 2,3 Castanheiros
	E.B. 1 Caneças
	E.B. 1/JI Cesário Verde
	E.B. 1/JI Caneças nº01
Agrup. Moinhos da Arroja	E.B. 2,3 Isabel de Portugal
	E.B. 1 Odivelas nº7
Agrup. Vasco Santana	E.B. 2,3 Vasco Santana
	E.B. 1 Amoreira
	E.B. 1 Azenha
	E.B. 1 Eça de Queiroz
	E.B. 1 Professora Maria Costa
	E.B. 1/JI João Villaret
Escolas Não-Agrupadas	Esc. Secundária Braamcamp Freire
	Esc. Secundária da Ramada
	Esc. Secundária de Caneças
	Esc. Secundária Pedro Alexandrino
	Esc. Secundária de Odivelas
	Esc. Profissional Agrícola da Paiã

Foram também inquiridas algumas estruturas associativas escolares, nomeadamente, associações de pais/encarregados de educação e associações de estudantes.

No âmbito dos serviços de saúde (Centros de Saúde), foram inquiridas as duas equipas de saúde escolar existentes no Agrupamento de Centros de Saúde do concelho de Odivelas.

Assim, o Universo Total inquirido foi o seguinte ² :

Quadro 2
Universo Inquirido

Agentes Educativos	Nº de Inquiridos Realizados
Alunos do 3º Ciclo, Secundário e Profissional	620
Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico	92
Professores dos 2º e 3º Ciclos, Secundário e Profissional	201
Auxiliares de Acção Educativa (todos os graus de ensino)	112
Associações de Pais/Encarregados de Educação	6
Associações de Estudantes	3
Equipas de Saúde Escolar (dos Centros de Saúde)	2
TOTAL	1 036

Referência ainda para a profícua colaboração prestada pelas escolas do concelho de Odivelas (agrupadas/não agrupadas) e seus coordenadores de educação para a saúde, tanto ao nível das respostas aos respectivos questionários como no âmbito da aplicação dos questionários aos seus alunos, professores e auxiliares de acção educativa.

² Em relação à inquirição dos alunos do 3º CEB, Ensino Secundário e Profissional bem como dos respectivos professores, foi utilizada uma amostragem probabilística aleatória simples (critério – ano de escolaridade/agrupamento escolar/escola), cuja dimensão da amostra foi estimada para uma proporção de população finita, sendo o intervalo de confiança de 95%, com uma margem de erro de 0 a 0,05.

Para a inquirição dos professores/1ºCEB e das auxiliares de acção educativa (todos os graus de ensino), foi utilizada uma amostra estratificada, inquirindo-se pelo menos 30% dos respectivos totais populacionais, tendo como critério de selecção as escolas/agrupamentos escolares a que pertencem, bem como todas as escolas não agrupadas (no caso das auxiliares de acção educativa).

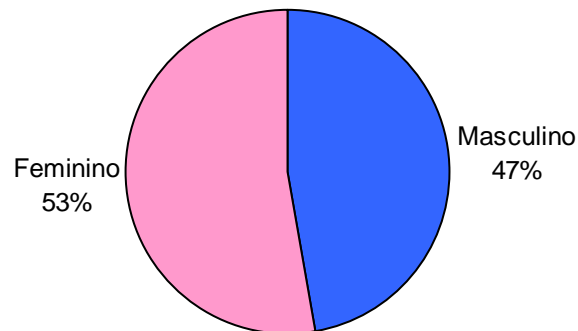
3 – CARACTERIZAÇÃO DAS AMOSTRAS

3.1 – Alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico, Ens. Secundário e Profissional

Os alunos abrangidos pela inquirição, registam um relativo equilíbrio quanto ao sexo, embora com um ligeiro maior pendor para as raparigas (53%).

Gráfico 1

Sexo



Em relação à estrutura etária dos alunos (gráfico 2), as idades dos inquiridos pertencem aos escalões etários que correspondem, normalmente, aos graus de ensino em análise, predominando os alunos com 14 anos (22,2%). Em segundo plano, surgem os que têm 16 (18,1%) e 13 anos (17,6%). No gráfico 3, é possível verificar que o 3º Ciclo do Ensino Básico é o mais representativo dos graus de ensino abrangido pela inquirição, com maior representatividade do 8º Ano (29%).

Gráfico 2

Estrutura Etária (%)

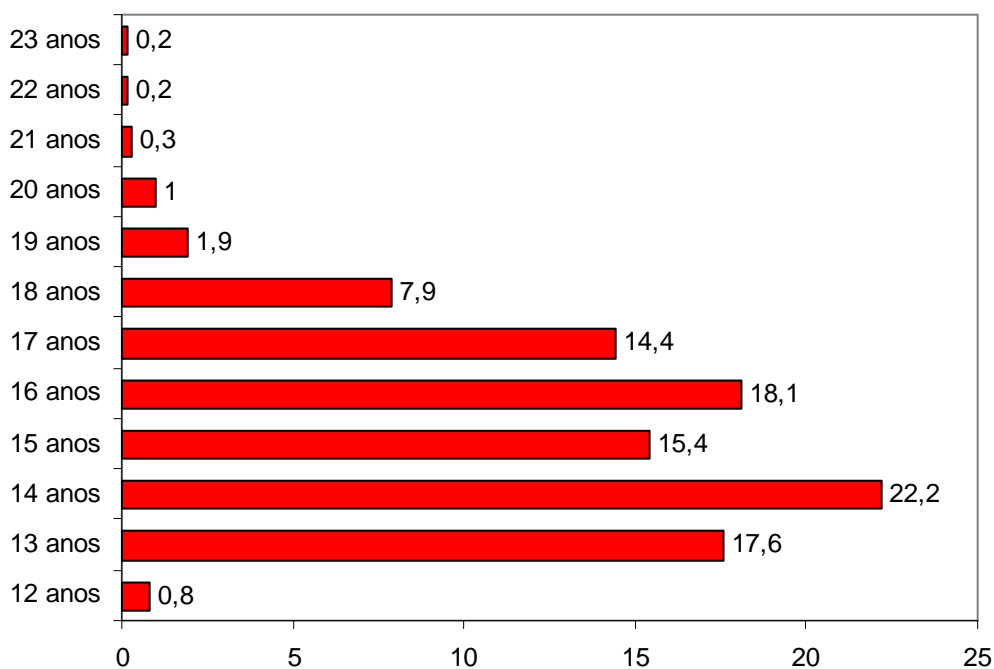
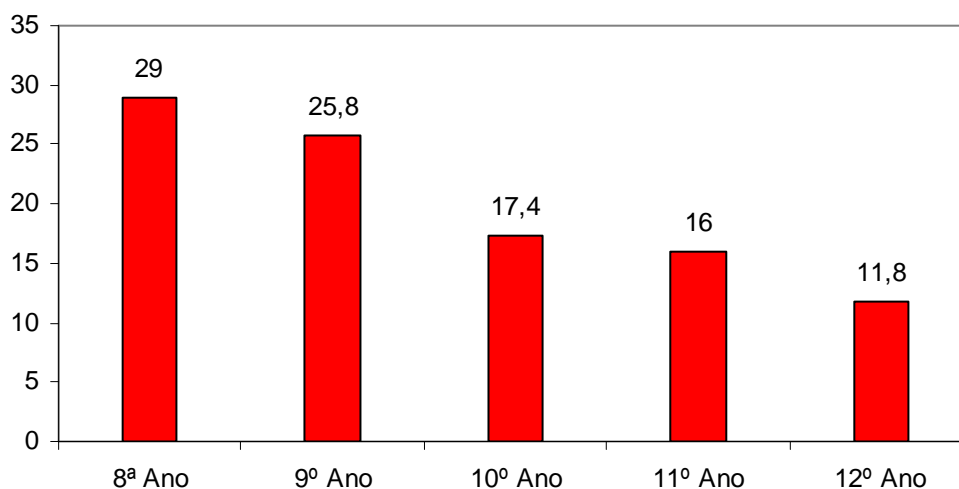


Gráfico 3

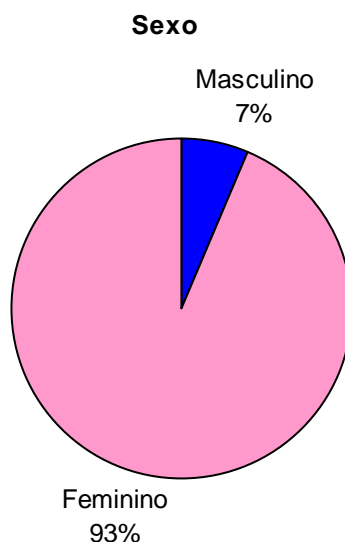
Ano de Escolaridade (%)



3.2 – Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico

Em termos da classe docente, e no que respeita aos professores do 1º CEB, é bem evidente a supremacia numérica dos docentes do sexo feminino (93%), sendo os homens muito pouco representativos nesta classe profissional (7%).

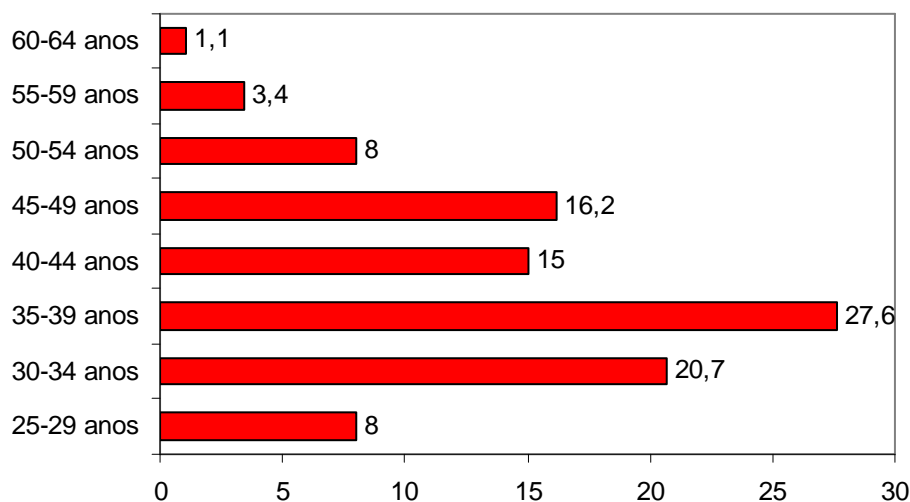
Gráfico 4



Em termos de estrutura etária, predominam os professores que se situam nos escalões etários dos 35-39 anos (27,6%) e dos 30-34 anos (20,7%). Em segundo plano, são mais representativos os que já “chegaram” aos 40 anos mas que ainda não passaram dos 50 anos (40-44 anos=15% e 45-49 anos=16,2%).

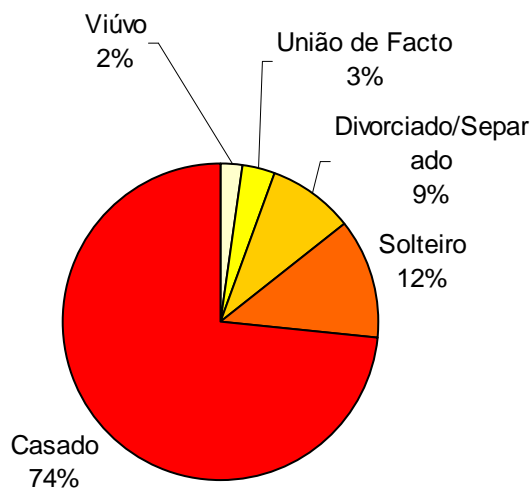
Gráfico 5

Estrutura Etária (%)



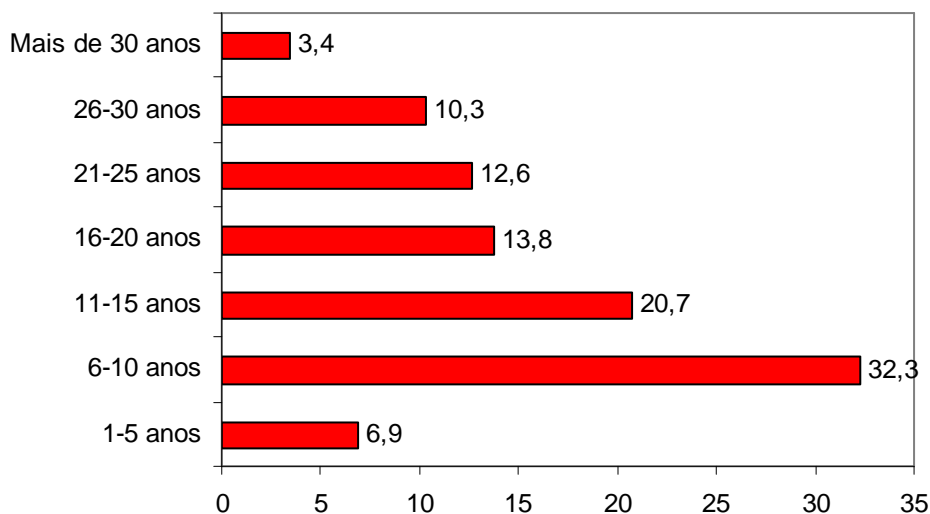
Os professores casados assumem a maior representatividade (74%), sendo os que não contraíram a união conjugal o grupo com segundo maior peso percentual (12%).

Gráfico 6
Estado Civil / Situação Conjugal



Em termos de antiguidade de serviço, o contingente mais numeroso é o grupo dos que são professores há 6-10 anos (32,3%). Depois, registam-se as maiores percentagens sempre acima dos 10 anos de docência, excepto os que exercem há mais de 30 anos (3,4%) e os professores mais “novatos” (6,9%).

Gráfico 7
Tempo de Docência (%)

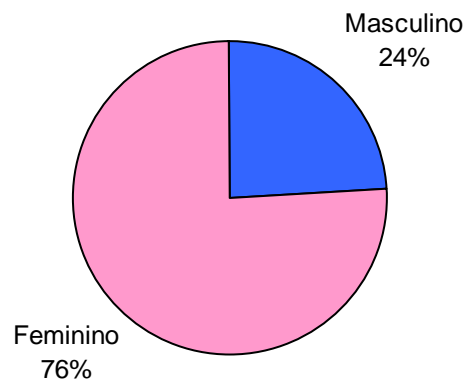


3.3 – Professores dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, Ensino Secundário e Profissional

Entre a classe dos professores que leccionam a partir do 2º CEB, continuam a predominar as professoras entre os docentes inquiridos (76%), embora nestes graus de ensino se verifique um crescimento do peso dos professores do sexo masculino (24%) por comparação ao pessoal docente do 1º CEB.

Gráfico 8

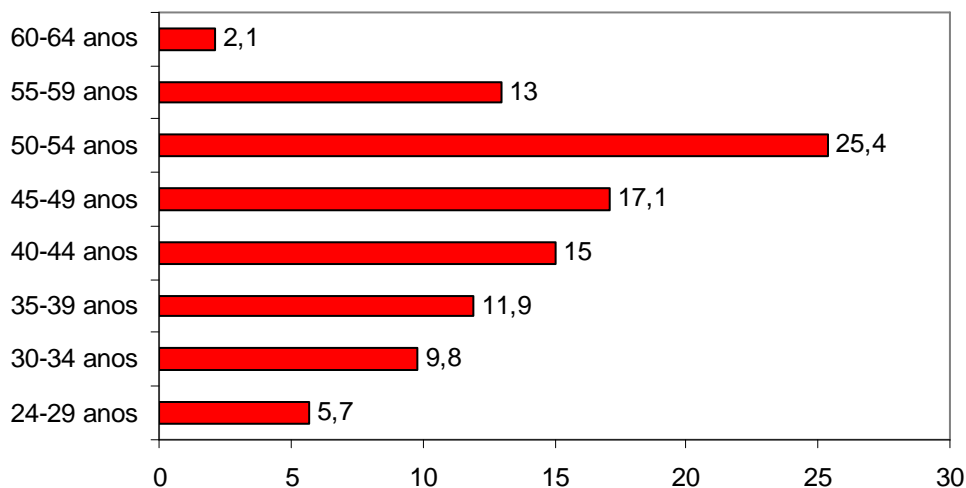
Sexo



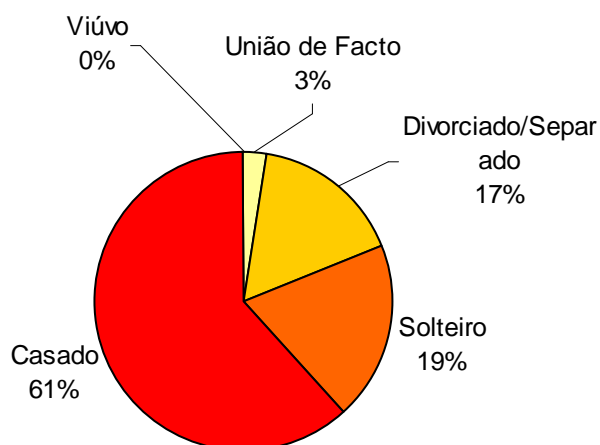
Em termos de estrutura etária deste grupo de inquiridos, verifica-se que a maior parte se situa a partir dos 45 anos, com maior destaque para os que têm entre 50 e 54 anos (25,4%). Os menos representativos são os que estão perto da reforma (60-64 anos=2,1%).

Gráfico 9

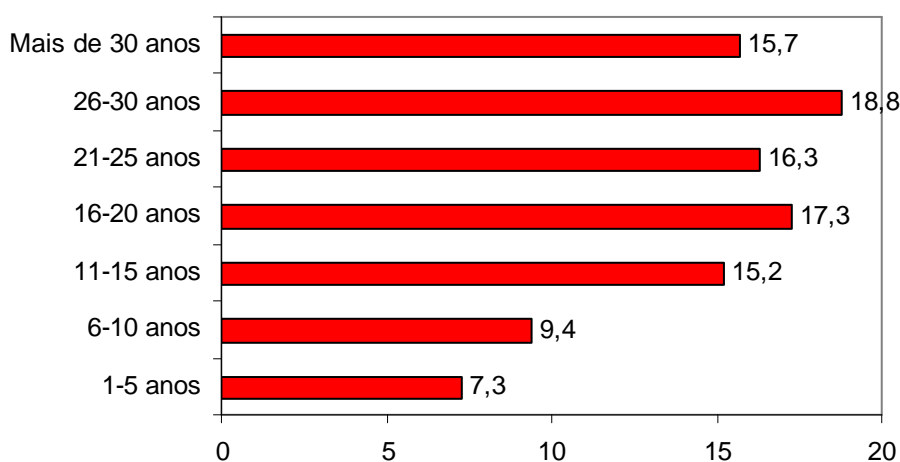
Estrutura etária (%)



Neste grupo profissional, à semelhança do grupo de professores que leccionam no 1º CEB, também predominam os casados (61%), seguidos dos solteiros (19%). Contudo, aqui, a percentagem de divorciados/separados (17%) é bem superior à dos professores do 1º CEB.

Gráfico 10**Estado Civil / Situação Conjugal (%)**

No que respeita à antiguidade profissional desta classe docente, predominam os que exercem há 26-30 anos (18,8%). Aliás, a partir dos que exercem há 11-15 anos (e escalões subsequentes) registam-se valores percentuais sempre acima dos 15% e perto dos 18%.

Gráfico 11**Tempo de Docência (%)**

3.4 – Auxiliares de Ação Educativa (todos os graus de ensino)

Neste grupo profissional, predominam claramente as mulheres (gráfico 12). A faixa etária dos 45-49 anos (gráfico 13) é a mais representativa (26,9%).

Gráfico 12

Sexo

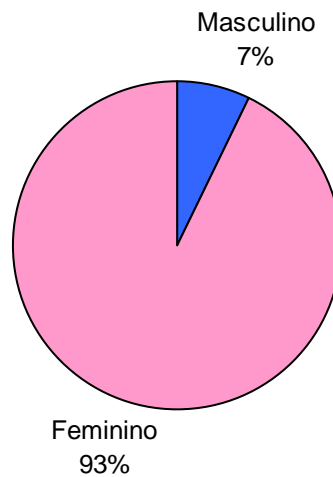
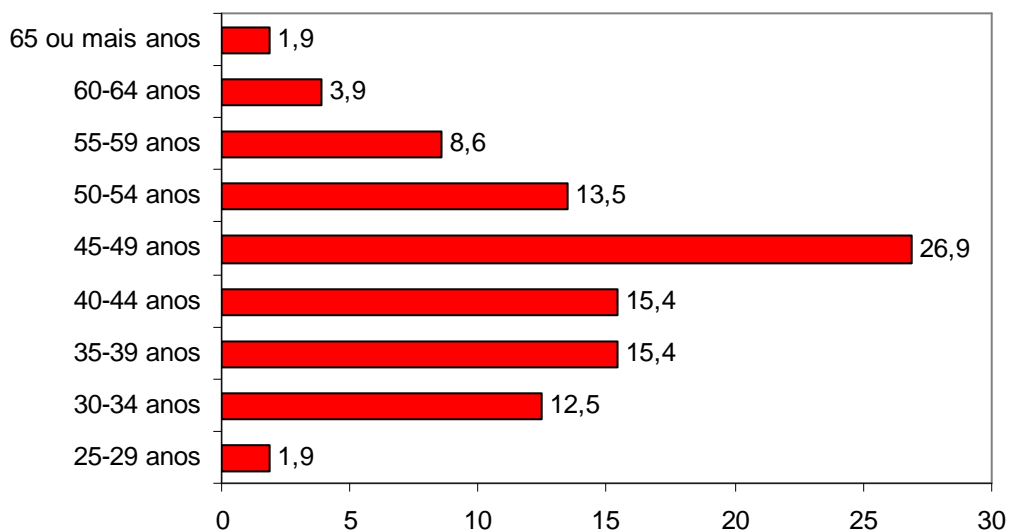


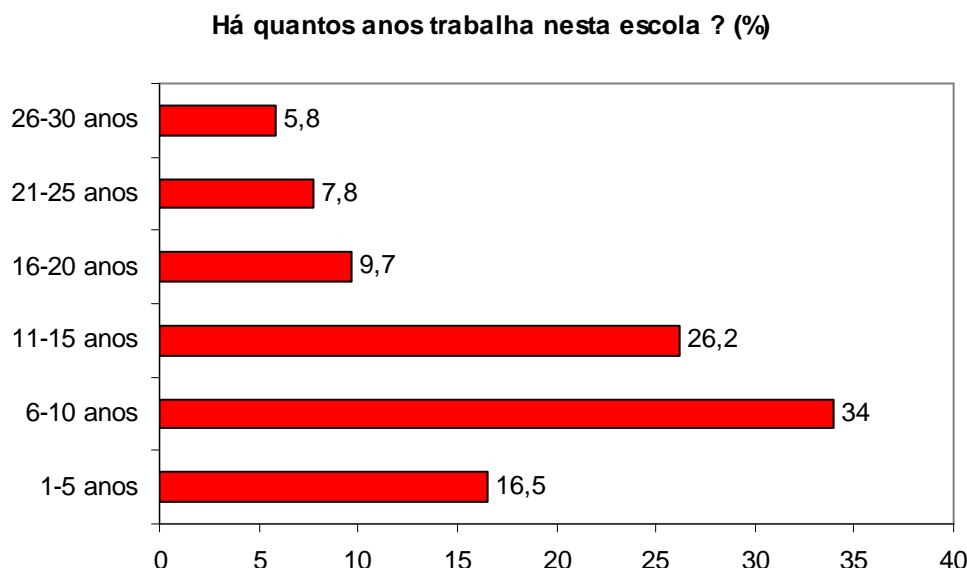
Gráfico 13

Estrutura Etária (%)



Em termos de grau de fixação destes profissionais nas respectivas escolas, regista-se um maior peso entre os que trabalham há 6-10 anos nas escolas onde, actualmente, se encontram (34%), surgindo, em segundo lugar, os que pertencem ao escalão de antiguidade imediatamente a seguir (11-15 anos=26,2%).

Gráfico 14



4 – A ESCOLA E A EDUCAÇÃO SEXUAL

Sendo uma vertente essencial no desenvolvimento integrado das comunidades locais, a educação surge como factor de desenvolvimento social e cultural, em que se pretende uma realização pedagogicamente adequada entre o indivíduo e a sociedade que o rodeia. Com efeito, a formação pessoal e social dos indivíduos é consubstanciada através de uma componente educativa pluridimensional, onde a actividade escolar assume especial relevo, tanto numa dimensão lectiva/curricular como numa dimensão extralectiva/extracurricular.

4.1 – A Actividade Escolar

Nas Escolas do concelho de Odivelas, são organizados projectos orientados para a concretização dos vários saberes através de processos de aprendizagem que estimulem a interacção com as realidades social, económica, cultural e ambiental envolvente, fazendo com que o educando (aluno) associe à componente educativa um verdadeiro espírito de cidadania, de forma a que se constitua num ser humano mais enriquecido e saudável.

A educação para a saúde, sendo uma área educacional privilegiada para transmitir valores e regras de conduta no domínio da sexualidade (educação sexual), confere à Escola um papel importante no processo de socialização das crianças e jovens, uma vez que a sexualidade se afigura como uma dimensão da identidade pessoal e do relacionamento humano (desenvolvimento global/integral) que evolui e se expressa de

forma diferenciada nas várias fases do ciclo de vida, com grande acuidade nas fases da pré-adolescência e adolescência. A este nível, no levantamento sobre a realidade escolar odivelense, para além das actividades lectivas/disciplinares, foi possível diagnosticar vários projectos na área da educação sexual em que as escolas são promotoras ou parceiras dos mesmos. No quadro seguinte, apresentam-se, entre outros, alguns exemplos de projectos desenvolvidos nos últimos anos lectivos:

Quadro 3
Alguns Projectos Escolares na área da Educação Sexual

Escolas	Projecto	Síntese Descritiva do Projecto	Parceiros no Projecto
E.B.1/JI Maria Lamas	"Educação Sexual"	Trabalho de turma sobre questões abordadas pelos alunos em cartas anónimas, tendo resposta por parte de Enfermeira (C.Saúde).	Professores, Alunos, Profissionais de Saúde (C. Saúde)
E.B.1 Mário Madeira	"O Lápis cor de pele"	Actividades para sensibilizar as crianças para as várias cores e tipos de pele	Professora e alunos
E.B.1 Mello Falcão	"Prevenção/Transmissão do HIV/Sida"	Acções de diálogo, esclarecimento, projecção de slides, sua análise e discussão.	Professores, Alunos, Centro de Saúde da Pontinha
E.B. 2,3 Avelar Brotero	"Contacto na Rua"	Informação sobre os riscos do consumo de drogas, das doenças infecto-contagiosas e eventual contacto de maior proximidade com grupos de risco.	Alunos, Professores, Junta de Freguesia de Odivelas
E.B. 2,3 Vasco Santana	"Educação Sexual em Meio Escolar"	Realização de workshops nas turmas com a presença, acompanhamento e esclarecimento de técnicos de saúde.	Professores, Alunos, Empresa Educação Viva; Equipa "Pela tua Saúde"
E.B. 2,3 Isabel de Portugal	"Educação para a Saúde e Educação Sexual"	Sessões de esclarecimento e formação acerca de temáticas como a Prevenção da Sida, Educação Sexual, Infecções Sexualmente Transmissíveis.	Professores, Alunos, Pais/E.E., Câmara Municipal de Odivelas (PECPT), Faculdade de Medicina de Lisboa
Esc. Secundária de Caneças	"Projectos de Educação Sexual" em Área de Projecto	Acções de debate e esclarecimento e palestras sobre questões ligadas à Educação Sexual.	Professores, Alunos, Centro de Saúde

A educação sexual nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico é abordada, essencialmente, no âmbito do respectivo Currículo Escolar, registando-se também alguns casos em que é abordada fora do Currículo Escolar, como por exemplo, as parcerias com os Centros de Saúde em que Técnicas de Saúde/Enfermeiras se deslocam às escolas a fim de realizarem palestras, sessões de esclarecimento sobre assuntos desta temática.

No que respeita às escolas do 1º CEB que não desenvolvem projectos na área da educação sexual, as razões que mais alegam para o não fazerem estão relacionadas com: a menor motivação por parte dos professores; a falta de recursos humanos com formação adequada; a falta de recursos materiais (material pedagógico) e algum menor interesse por parte dos encarregados de educação e alunos.

Em termos de escolas dos 2º e 3º CEB, Ens. Secundário e Profissional, a abordagem da educação sexual é feita, essencialmente, no âmbito das áreas curriculares disciplinares e não-disciplinares, bem como em actividades extra-curriculares. Por outro lado, a falta de instalações, a falta de disponibilidade horária e a falta de formação adequada dos recursos humanos, são as maiores dificuldades com que estas escolas se debatem para abordarem a área da educação sexual.

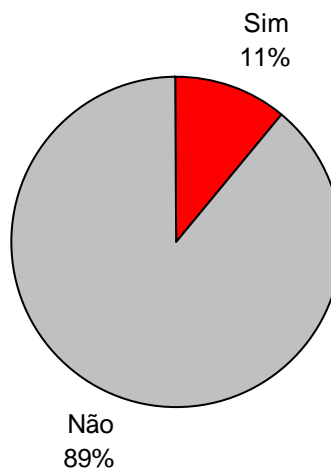
Neste campo das dificuldades, a formação profissional assume especial relevo, uma vez que a implementação da ES em meio escolar só é possível ser realizada com sucesso se os professores e outros agentes educativos forem dotados de conhecimentos específicos e de uma formação adequada. No caso dos professores que leccionam no concelho de Odivelas, os dados analisados seguidamente (ponto 4.2 – necessidades formativas) revelam que a percentagem de professores e de auxiliares de acção educativa que já frequentaram acções de formação na área da educação sexual é ainda insuficiente face às necessidades manifestadas por estes.

4.2 – Necessidades Formativas

4.2.1 – Professores do 1º CEB

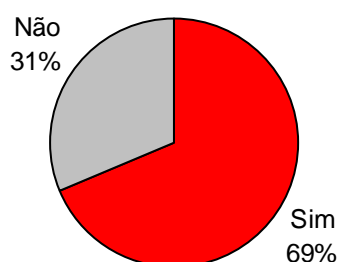
No caso do 1ºCEB, apenas 11% dos professores já frequentaram alguma acção de formação na área da Educação Sexual (ES).

Gráfico 15
Professores do 1ºCEB
Já frequentou alguma Formação na área da Educ. Sexual ?



Em correspondência à análise do gráfico anterior (nº 15), salientam-se os 69% de professores do 1ºCEB que sentem necessidades de formação na área da ES (gráfico nº 16).

Gráfico 16
Professores do 1ºCEB
Sente necessidade de ter Formação na área da Educ.
Sexual ?



É evidente, pois, que, do ponto de vista dos professores, se torna necessário um apoio técnico (formação) que lhe permita reflectir sobre os valores e atitudes face à sexualidade, com objectivo de os abordar com os alunos de uma forma mais esclarecida. O quadro seguinte, expressa algumas temáticas da educação sexual em que os professores do 1ºCEB manifestaram o seu grau de conforto/desconforto aquando da respectiva abordagem com os alunos.

Quadro 4
Professores do 1ºCEB
“Face aos temas seguintes, diga como se sentiu quando os abordou com os alunos” (%)

	Muito Des- Confortável	Des- confortável	Neutro	Confortável	Muito Confortável	Total
Distinção dos órgãos sexuais	0	0	23,3	46,7	30	100
Reprodução humana	0	1,1	22,5	49,4	27	100
Distinção face aos papéis de género	0	1,1	17,3	50,6	31	100
Afectos/Relação com o outro	1,1	2,2	10	46,7	40	100
Abusos sexuais e outros tipos de agressão	5,6	20,2	22,5	33,7	18	100
Cuidados e higiene do corpo	0	0	10,2	44,9	44,9	100
Contactos físicos em sociabilidade	0	3,6	19	46,4	31	100

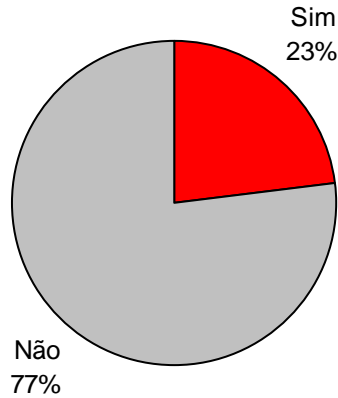
De uma forma global, os professores sentem-se “confortáveis” quando abordam alguns temas de educação sexual (sempre acima dos 40% em todos os temas, à excepção do “abusos sexuais e outros tipos de agressão” - 33,7%). Onde se sentem com maior à-vontade (“muito confortável”) é nas questões relacionadas com os “cuidados e higiene do corpo” (44,9%) e com os “afectos/relação com outro” (40%). Os assuntos que lhes causam maior constrangimento em abordá-los em contexto escolar, são os que se prendem com a questão dos “abusos sexuais e outros tipos de agressão” (“desconfortável”=20,2%; “muito desconfortável”=5,6%).

4.2.2 - Professores dos 2º e 3º CEB, Secundário e Profissional

No que respeita ao pessoal docente que lecciona a partir do 2º CEB, registam-se 23% de professores que já tiveram alguma formação sobre ES.

Gráfico 17

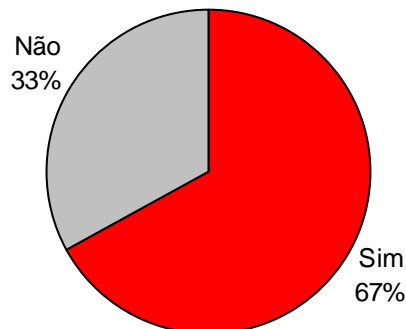
Professores dos 2º e 3º CEB, Secundário e Profissional
Já frequentou alguma Formação na área da Educ. Sexual?



Os que sentem necessidade de ter formação na área da ES, constituem a maior parte do corpo docente dos graus de ensino em análise (67%).

Gráfico 18

Professores dos 2º e 3º CEB, Secundário e Profissional
Sente necessidade de Formação na área da Educ. Sexual?



É evidente, pois, que a formação contínua, nas suas diversas formas, tem um papel que é considerado primordial no respectivo desempenho profissional, ajudando os professores a melhor se prepararem na área da ES e a desenvolverem as competências adequadas.

O quadro seguinte, revela que os professores que leccionam a partir do 2ºCEB sentem-se, em maior número, “confortáveis” aquando da abordagem dos vários temas relacionados com a ES (em vários temas, sempre acima dos 50%). Em relação aos que se sentem “muito confortáveis”, isso acontece com maior peso em temas como, aparelho reprodutor (35,6%), namoro (34,1%), gravidez (33,3%), VIH/DST's (32,3%) e contraceção (32%). Contrariamente, o maior “desconforto” acontece quando falam com os alunos sobre questões ligadas ao tema da masturbação (6,8%), do aborto (6,2%) e dos abusos sexuais (5,4%). Os que manifestaram “muito desconforto”, registam já valores mais residuais, destacando-se mais no tema da masturbação (1,7%).

Quadro 5
Professores dos 2º e 3º Ciclos, Secundário e Profissional
“Face aos temas seguintes, diga como se sentiu quando os abordou com os alunos” (%)

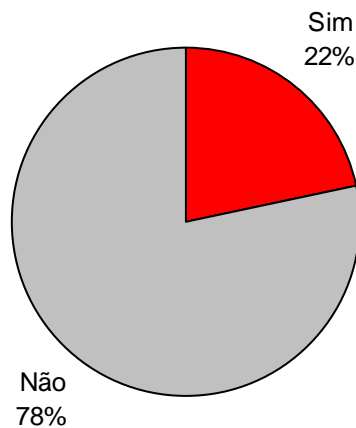
	Muito Des- confortável	Des- confortável	Neutro	Confortável	Muito Confortável	Total
Aparelho Reprodutor	1,1	0	16,1	47,2	35,6	100
Contraceção	0,8	0,8	15,1	51,3	32	100
Aborto	0,9	6,2	15,2	55,4	22,3	100
Homo, Hetero e Bissexualidade	0,9	0,9	17,8	58	22,4	100
VIH/Sida e outras DST's	0,8	0	18,1	48,8	32,3	100
Ciclo Menstrual	1,1	2,2	12,2	55,6	28,9	100
Ejaculação/Orgasmo	1,5	4,5	30,3	39,4	24,3	100
Masturbação	1,7	6,8	37,3	33,9	20,3	100
Gravidez	0,9	2,6	16,2	47	33,3	100
Abusos Sexuais	1,4	5,4	16,2	50	27	100
Prostituição	1,3	1,3	20,8	50,6	26	100
Namoro	0,8	0	17,9	47,2	34,1	100

Abordar e leccionar assuntos relacionados com a educação sexual exige uma conciliação de questões sensíveis e complexas (ex: a fecundação, a reprodução, a prevenção de comportamentos de risco, aspectos psico-afectivos) tanto numa vertente informativo-científica (organizar códigos de conhecimento que o aluno precisa de saber) como no plano dos afectos, emoções, desenvolvimento da personalidade, formação para a cidadania. Assim, a promoção de formação profissional junto da classe docente (ex: formação pós-graduada, formação contínua, formação inicial de professores, entre outros tipos de acções de formação), afigura-se de extrema importância, uma vez que a ES não é uma questão meramente escolar, estando relacionada com um vasto leque de questões sociais, culturais e ideológicas. Neste sentido, é essencial tomar em consideração os vários espaços de formação e reflexão que se direccionem para este área educacional.

4.2.3 – Auxiliares de Acção Educativa

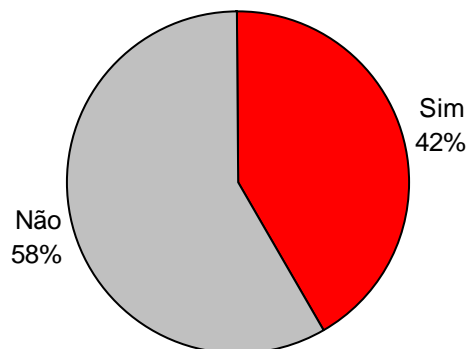
No caso dos Auxiliares de Acção Educativa, enquanto agentes interventores (informais) em diversas situações junto dos alunos, torna-se também indispensável que reflectam sobre as suas condutas no quotidiano escolar, uma vez que estão ligados muitas vezes a relações de proximidade e confidencialidade por parte dos alunos. No caso do concelho de Odivelas, 22% destes profissionais já frequentaram alguma acção de formação na área da educação sexual.

Gráfico 19
Auxiliares de Acção Educativa
Já frequentou alguma Formação na área da Educ. Sexual ?
(%)



Estando convictos de que podem colaborar na execução da ES (Gráfico 20), 42% destes profissionais sentem a necessidade de terem formação nessa área, salientando-se, assim, a importância de intervir quotidianamente na escola em matéria de ES, ainda que de uma forma mais informal.

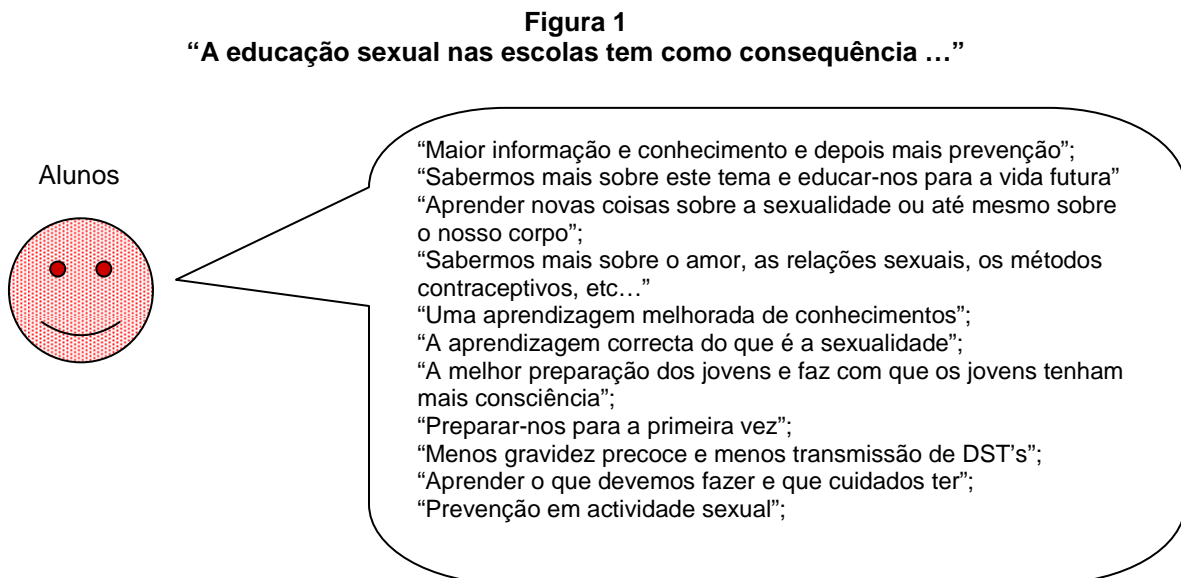
Gráfico 20
Auxiliares de Acção Educativa
Sente necessidade de ter formação na área da Educ. Sexual ? (%)



4.3 – Os Alunos face à Educação Sexual

Diversas vezes, tem sido referido (em várias instâncias da sociedade) que a educação sexual em meio escolar tem como consequência um maior número de comportamentos/práticas sexuais precoces. Porém, vários estudos³ têm revelado que, falar na escola sobre sexualidade e promover a participação de alunos em aulas ou actividades de educação sexual, leva a que os jovens que frequentaram esse tipo de acções pedagógicas, iniciem, em média, a actividade sexual um pouco mais tarde, para além de terem recebido informação acerca da redução de comportamentos de risco e de aumento de comportamentos preventivos nesta área.

No caso dos alunos odivelenses inquiridos (figura seguinte), estes, na sua grande maioria, consideram que a educação sexual tem consequências positivas, trazendo benefícios à vivência da sua sexualidade e aumentando o grau de informação a esse respeito.



As afirmações dos alunos transcritas (seleccionadas entre muitas outras), revelam, pois, que através da educação sexual poderão ter uma vivência mais informada, mais preventiva, mais preparada e mais responsável da sexualidade. Os alunos consideram que a educação sexual vem responder às dúvidas que têm acerca de aspectos biológicos, fisiológicos relacionados com a saúde sexual e reprodutiva.

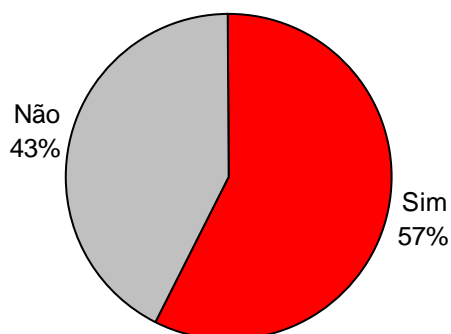
Está, pois, implícito que, num contexto social de relações interpessoais e afectivas, para os alunos odivelenses, a educação sexual nas escolas vem permitir a vivência da sexualidade de uma forma saudável, protegida e livre dos vários riscos que lhe estão inerentes.

³ A título de exemplo, refira-se: Kirby, D. e Brown, N. (1996) Condom availability programs in US schools. “Family Planning Perspectives, Vol. 28 (5): 196-202.

Em termos de grau de participação em actividades escolares relacionadas com a educação sexual, regista-se que a maior parte dos alunos inquiridos (57%) já esteve envolvido nesse tipo de iniciativas escolares, não obstante verificar-se uma parte significativa que ainda não participou em qualquer actividade neste âmbito (43%).

Gráfico 21

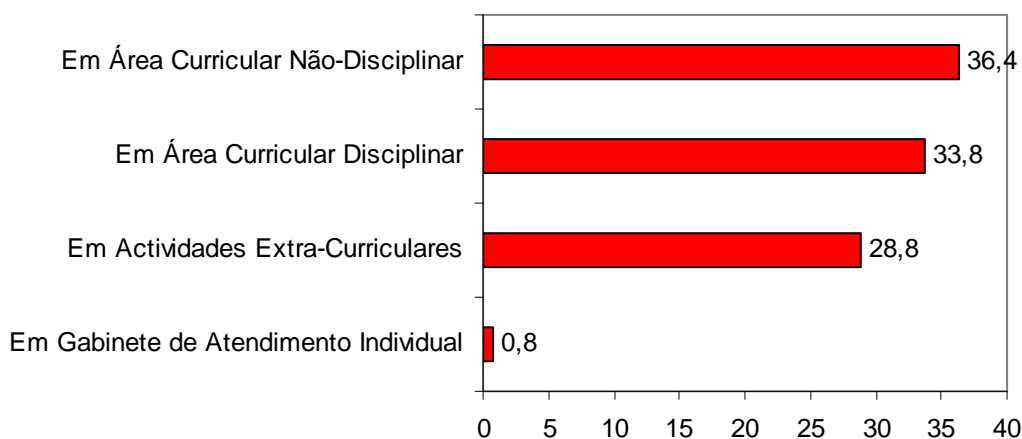
Já participaste em actividades escolares sobre Educação Sexual?



Entre os que já participaram em actividades relacionadas com a educação sexual (gráfico 22), constata-se uma pluralidade de espaços e tempos pedagógicos que são proporcionados pelas escolas, sendo privilegiada uma óptica transdisciplinar e transversal, onde coexistem práticas disciplinares e não-disciplinares (dentro e fora dos respectivos currículos escolares). De facto, verifica-se que as percentagens de alunos se repartem de uma forma relativamente equilibrada, destacando-se os alunos que receberam educação para a sexualidade em Área Curricular Não-Disciplinar, 36,4% (ex: Formação Cívica, Área de Projecto, Estudo Acompanhado), seguindo-se de muito perto as Áreas Curriculares Disciplinares com 33,8% (ex: Biologia, Ciências Naturais). As situações de atendimento aos alunos de uma forma individualizada, registam um valor muito residual (0,8%).

Gráfico 22

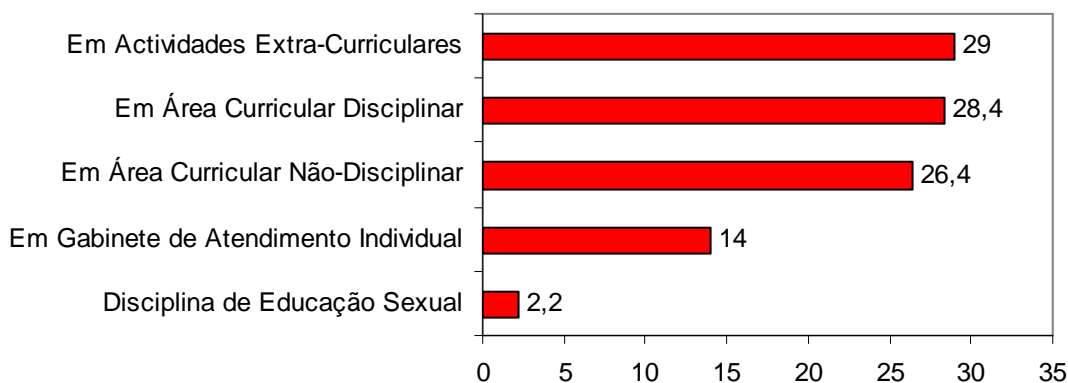
De que forma participaste em actividades sobre Educação Sexual? - resposta múltipla (%)



Quando questionados sobre a forma pela qual gostariam de receber educação sexual em contexto escolar, verificam-se algumas diferenças face aos valores que se registam na realidade constatada (análise anterior, gráfico 22). De facto, através do gráfico seguidamente apresentado (nº 23), é possível verificar que, em termos de preferência, os alunos referem com maior frequência as Actividades Extra-Curriculares (29%), que na análise do gráfico anterior é a terceira mais representativa. Por outro lado, destaca-se o facto das situações de atendimento individualizado registar, em termos de preferências dos alunos, uma percentagem significativa (14%). A ideia de uma disciplina de educação sexual, implicando um modelo de educação mais impositivo, regista, entre os alunos odivelenses, um peso muito residual, pois, apenas 2,2% de alunos preferem a existência de uma disciplina própria para a educação sexual.

Gráfico 23

De que forma é que preferes ser informado sobre sexualidade na Escola - resposta múltipla (%)



5 – SOBRE A NOÇÃO DE SEXUALIDADE

“A sexualidade é uma energia que nos motiva a procurar amor, contactos, ternura e intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental”. Organização Mundial de Saúde (OMS).

A definição acima transcrita, remete-nos para a vivência da sexualidade enquanto um dos elementos do processo de desenvolvimento global da pessoa. Com efeito, desde a mais tenra idade, a sexualidade manifesta-se enquanto necessidade de reconhecimento, intimidade, carinho e prazer e mantém-se constante ao longo da vida de várias formas, moldada por várias normas e valores sociais, evoluindo, paralelamente, consoante as capacidades intelectuais, emocionais e morais da pessoa.

Na perspectiva dos alunos odivelenses, a Sexualidade é encarada, principalmente, como uma “forma de afecto, carinho, amor e amizade”, uma vez que foi o item escolhido mais frequentemente (320 casos) como o aspecto mais importante (1) na definição de sexualidade (quadro 6). Os aspectos que estão inerentes à satisfação do desejo e ao prazer físico também se afiguram com grande importância na concepção que os alunos têm da sexualidade (106 casos na categoria 2). Depois, surge a ideia da sexualidade enquanto forma de assegurar a reprodução e de se ter filhos (119 casos na cat. 3).

Quadro 6

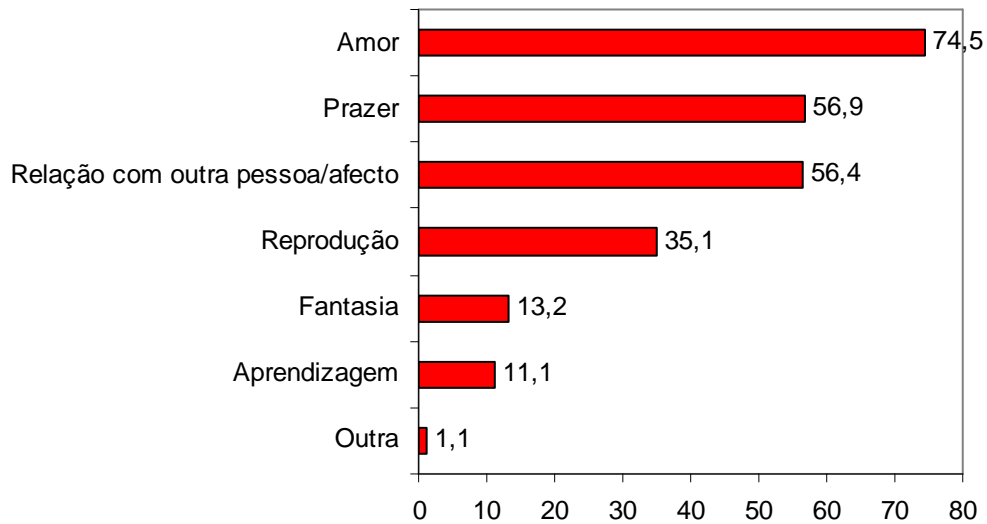
“O que entendes por Sexualidade?” – nº de respostas múltiplas (1 - mais importante; 6 - menos importante)

	1	2	3	4	5	6
Uma forma de obter prazer físico/satisfação de desejo	92	106	117	92	68	98
Uma forma das pessoas se reproduzirem/terem filhos	67	98	119	90	95	96
Uma forma de descobrir o corpo	44	98	97	145	105	76
Uma forma de expressão de afecto, carinho, amor, amizade	320	103	55	40	29	21
Uma forma de se conhecer a si próprio e de comunicar com os outros	31	76	87	93	139	123
É uma energia que se expressa em termos físicos, psicológicos e sociais	48	80	81	97	107	136

Em termos das imagens que os alunos mais associam à sexualidade, os dados do gráfico seguinte confirmam a análise anterior (do quadro 6), pois, as imagens do amor, do prazer e do afecto para com o “outro” são as mais referidas pelos alunos inquiridos, respectivamente, 74,5%, 56,9% e 56,4%.

Gráfico 24

O que mais associa à Sexualidade - resposta múltipla (%)



No campo da sexualidade, os pares continuam a ter um peso preponderante no âmbito do esclarecimento de dúvidas dos jovens. De facto, 32% das respostas revelam que os inquiridos recorreram aos amigos na última situação em que se depararam com uma dúvida sobre sexualidade. Em segundo plano, surge o quadro familiar como contexto primordial para esclarecimentos sobre sexualidade, pois, 23,4% das respostas dos alunos foram no sentido de recorrerem aos pais aquando da última dúvida sobre sexualidade. Destacam-se também a percentagem de respostas que revelam algum fechamento por parte dos jovens quando se trata de assuntos relacionados com a sua sexualidade (“com ninguém”=11%). Salienta-se ainda que o pessoal médico e o corpo docente são solicitados pelos jovens com um peso percentual muito semelhante, aquando da última necessidade de esclarecimento sobre sexualidade (respectivamente, 7,8% e 7,6%).

Gráfico 25

Com quem falaste na última dúvida que tiveste sobre sexualidade? -
resposta múltipla (%)

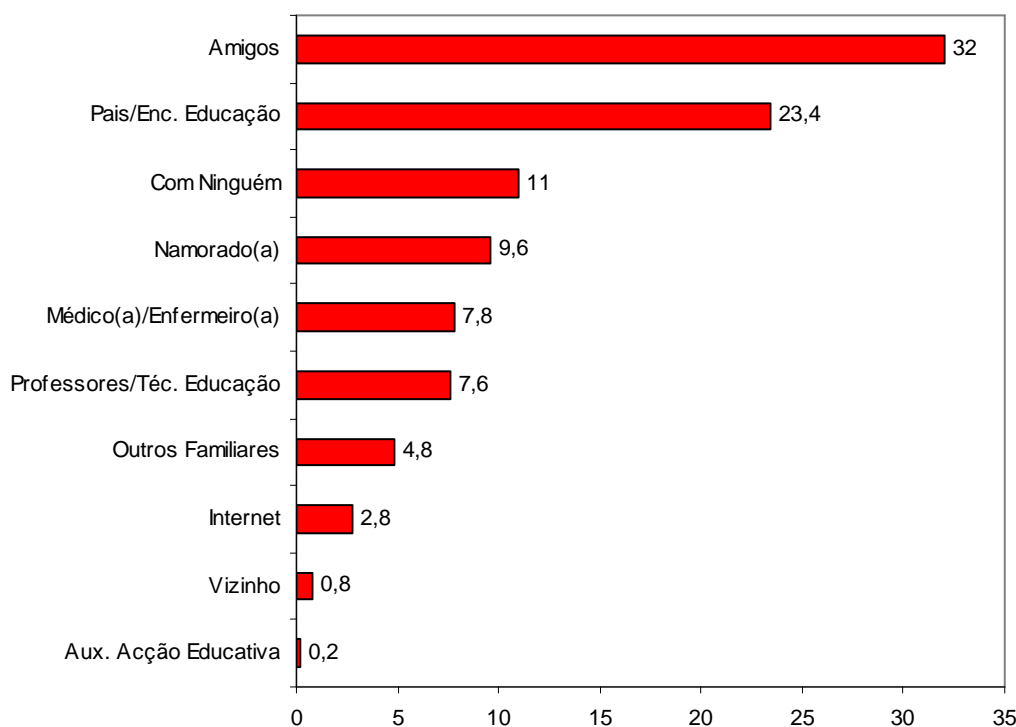
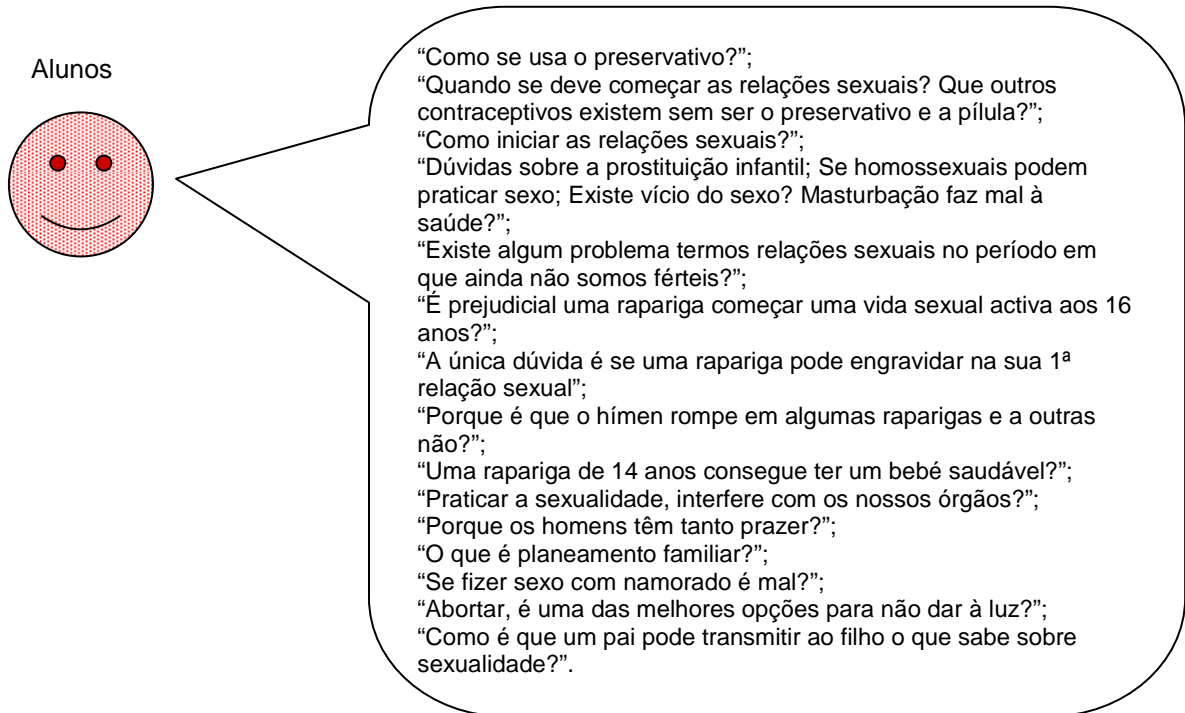


Figura 2

“Qual(ais) a(s) principal(ais) dúvida(s) que tens sobre a Sexualidade?”



Entre os alunos odivelenses, as dúvidas que mais “assaltam” a sua vivência da sexualidade, são diversas e integram várias componentes, nomeadamente: iniciação na vida sexual; problemas de saúde e suas formas de prevenção (ligados à expressão da sexualidade, infecções e doenças); dúvidas relacionadas com a aceitação do corpo sexuado; o prazer e afectividade; dúvidas sobre atitudes preventivas; a reprodução e a contracepção.

6 – SAÚDE SEXUAL E PREVENÇÃO

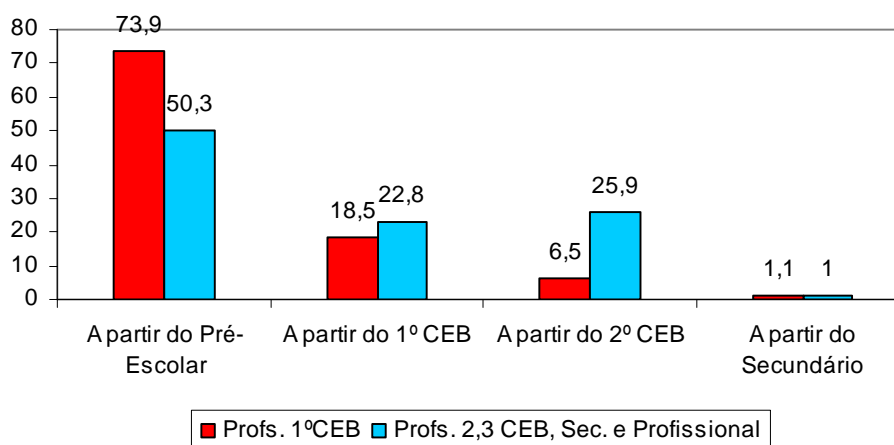
A pré-adolescência e adolescência são fases da vida humana marcadas por profundas alterações a nível fisiológico, psicológico, intelectual e social, pelas quais todas as pessoas passam, no âmbito da construção das respectivas identidades. É, pois, um processo dinâmico de passagem da infância à idade adulta e que é caracterizado por várias mutações, nomeadamente, transformações do corpo, novas sensações ao vivenciar os primeiros namoros, novas sociabilidades, e que, frequentemente, estão estreitamente associadas a questões de sexualidade fortemente marcadas por ambivalências, conflitos internos, confusões, dúvidas, que têm de ser geridas ao longo do processo de integração do indivíduo na sociedade.

Neste contexto, um fraco contacto com a educação sexual, a falta de informação e um acompanhamento médico deficitário, são um conjunto de factores que potenciam vários tipos de comportamento de risco, nomeadamente, a utilização incorrecta de métodos contraceptivos, práticas sexuais associadas ao consumo de substâncias psico-activas (ex: álcool e drogas), originando, frequentemente, gravidezes não planeadas e a transmissão de doenças/infecções pela via sexual (DST's). A educação sexual em meio escolar, com todo o trabalho de prevenção que lhe está subjacente, constitui-se como um contributo primordial para a promoção da saúde sexual e reprodutiva bem como para formação pessoal e social dos educandos.

No âmbito das orientações técnicas sobre ES em meio escolar (Programa de Promoção e Educação para a Saúde, APF e Direcção-geral de Saúde, 1999), as propostas foram no sentido de adequar a ES aos vários graus de ensino. Assim, no 1º CEB, pretende-se contribuir para que as crianças construam o “Eu em relação”, através de um melhor conhecimento do seu corpo, da compreensão da sua origem, da valorização dos afectos. Para os 2º e 3º CEB, os alunos devem, entre vários objectivos, ter conhecimento acerca do corpo sexuado, dos mecanismos de reprodução e métodos contraceptivos e das doenças/infecções sexualmente transmissíveis e das formas de prevenção e tratamento. No secundário, a ES deve servir, entre outros, para a criação de atitudes de não discriminação face às orientações sexuais dos outros.

A este respeito, o gráfico seguidamente apresentado, revela a opinião dos professores (que leccionam no concelho de Odivelas) sobre quando deve iniciar-se a abordagem da educação sexual em meio escolar.

Gráfico 26
Opinião sobre quando deve iniciar-se a abordagem da Educação Sexual (%)



A partir do gráfico apresentado (nº 26), é possível verificar que os professores odivelenses, na sua grande maioria, encaram a abordagem da educação sexual como um processo que se deve iniciar a partir do pré-escolar (profs 1ºCEB=73,9%; profs 2,3 CEB, Sec e Profissional=50,3%). Contudo, regista-se uma parte significativa que concebe a abordagem da educação sexual em meio escolar apenas a partir do 1ºCEB (profs 1ºCEB=18,5%; profs 2,3 CEB, Sec e Profissional=22,8%). No caso dos professores dos 2º e 3º CEB, Secundário e Profissional, verifica-se que um quarto deste corpo docente considera que a educação sexual só deve ser abordada a partir do 2º CEB (25,9%).

No que respeita à fundamentação das opiniões que vão no sentido de considerarem que a educação sexual deve ser abordada a partir do pré-escolar, a figura seguinte transcreve o tipo de razões mais salientadas pelos professores inquiridos.

Figura 3

Razões de concordar com abordagem da Educação Sexual a partir do Pré-Escolar

Professores
1º CEB
2º, 3º CEB e
Secundário



“O tema deve ser abordado adequadamente a cada idade, é importante que todos tenham noção do tema”;
 “Os pais nem sempre abordam o tema e seria garantia que todos os alunos recebessem informação”;
 “A educação sexual é um aspecto da formação global”;
 “Quanto mais cedo se abordar este tema mais informados ficam os jovens e irão agir com mais naturalidade”;
 “O tema deve ser desmistificado em todas as idades”;
 “Por considerar ser tema actual e importante ao desenvolvimento do ser humano em qualquer idade”;
 “O conhecimento do corpo humano e a sexualidade não devem ser tabus”;
 “Preparação para prevenção sanitária, planeamento familiar, preservação dos valores morais”;
 “A sexualidade faz parte da vida, por isso deve ser abordada em todas as idades”;
 “O tema faz parte da vida e deve ser abordado natural e cientificamente”;
 “Se a sexualidade nasce connosco...”;
 “É necessário abordar logo na 1ª infância, desde que de forma adequada”;
 “Porque em todas as idades existem dúvidas”.

As afirmações dos professores inquiridos vão, claramente, no sentido das questões que se prendem com a saúde da sexualidade dever serem abordadas logo no início do processo de educação, desde a mais “tenra idade”, em que o desenvolvimento da sexualidade e da sua educação, é um processo contínuo desde idades precoces.

Em relação aos professores que privilegiam o início da educação sexual em meio escolar num tempo mais “tardio” (a partir do 2º CEB), estes, consideram, pois, que é prematuro implementar a educação sexual nos estabelecimentos de ensino logo a partir do pré-escolar (figura seguinte).

Figura 4

Razões de não concordar com abordagem da Educação Sexual no Pré-Escolar/1º CEB

Professores
2º, 3º CEB e
Secundário



“No pré-escolar as crianças ainda não têm a noção do seu corpo”;
 “No pré-escolar ainda não têm percepção de alguns conteúdos”;
 “No pré-escolar e 1ºCEB ainda há falta de maturidade para estas questões”;
 “No pré-escolar e 1ºCEB é da responsabilidade da família”;
 “A responsabilidade é dos pais”;
 “No pré-escolar ainda são pequenos, sem maturidade”;
 “Ainda não têm capacidade para assimilar alguns aspectos relacionados com a saúde”;
 “O tema deve ser tratado em família, compete aos pais”;
 “A idade é reduzida e há outras prioridades no pré-escolar”;
 “No pré-escolar ainda não há capacidade cognitiva para entender estes conceitos”;
 “No pré-escolar e 1ºCEB não há maturidade física e psíquica”.

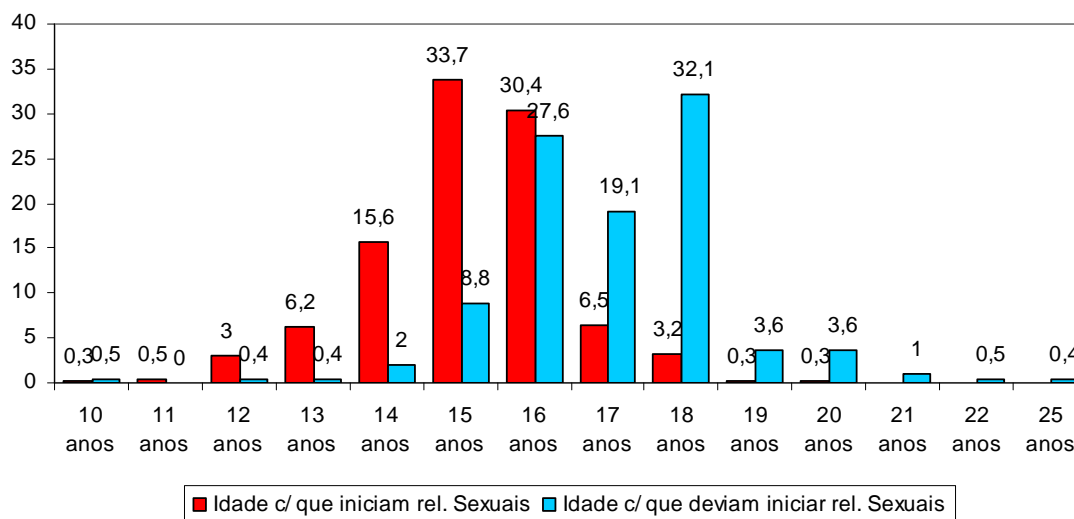
A partir das afirmações apresentadas, verifica-se que, ao nível do Pré-Escolar e 1º CEB, a Família é considerada a instância social com papel mais determinante no desenvolvimento e na educação da sexualidade da criança, sendo privilegiado os vínculos afectivos entre os pais e os filhos no seu quotidiano. Nas idades precoces, é considerado que as crianças não têm capacidades cognitivas suficientemente amadurecidas para apreender os conteúdos escolares a leccionar no âmbito da educação sexual.

A análise feita anteriormente (acerca da figura 4), faz realçar o facto da sexualidade se caracterizar, entre os educandos, por mudanças rápidas e em ritmos diferenciados no processo de desenvolvimento global das crianças/jovens. Com efeito, o “despertar” para a sexualidade está, normalmente, associado às transformações pubertárias e fases subsequentes (ex: crescimento acelerado do corpo, acentuação dos caracteres sexuais secundários, menarca, ejaculações, experimentação de relações amorosas, relações sexuais), cujos processos evolutivos diferem de caso para caso e nas várias idades.

No caso dos alunos odivelenses, foi-lhes solicitada a opinião acerca do início das relações sexuais dos jovens (gráfico seguinte). Em relação à percepção que os jovens têm acerca da idade com que os jovens iniciam as relações sexuais (barras vermelhas do gráfico), a maior percentagem respondeu que é entre os 15 (33,7%) e os 16 anos (30,4%). Em segundo plano, surgem os que afirmaram ser aos 14 anos que acontecem as primeiras relações sexuais (15,6%). Depois, tanto os que acham que acontece em idades mais precoces como os que afirmaram ser a partir dos 17 anos registam um peso muito semelhante.

Gráfico 27

Opinião face ao início de rel. sexuais (%)



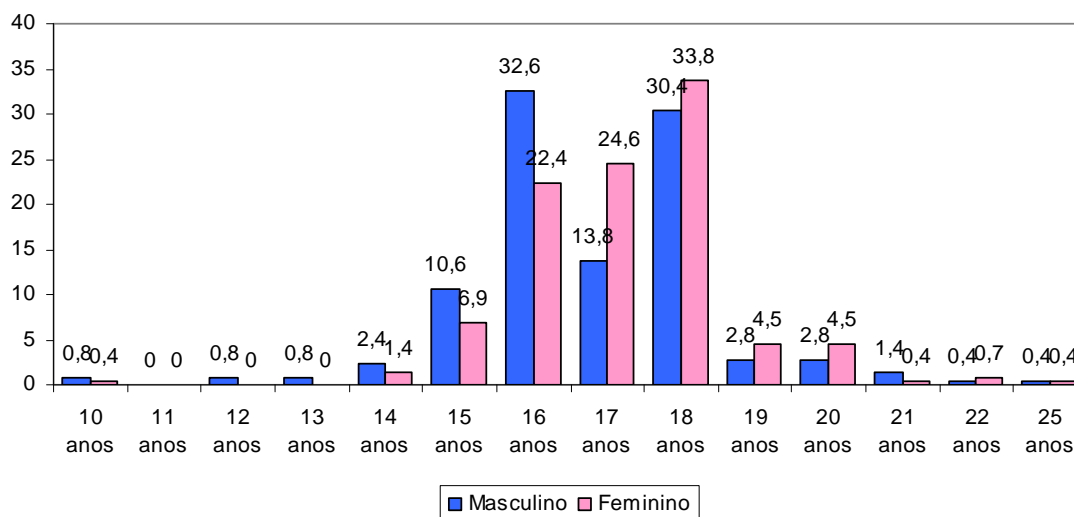
Por outro lado, quando lhes foi pedido a opinião acerca das idades em que os jovens deviam iniciar as suas relações sexuais (barras azuis do gráfico 27), a “fasquia” etária sobe um pouco, registando-se, aqui, um maior predomínio de respostas que se situam entre os 16 (27,6%) e os 18 anos (32,1%). A partir dos 19 anos em diante, diminui significativamente o respectivo peso das respostas.

Em termos globais, e segundo a opinião dos alunos inquiridos, verifica-se, pois, uma ligeira diferença entre o que acontece na realidade em termos das idades para o início da sexualidade activa (maior incidência nos 14,15 e 16 anos) e o que devia acontecer (sendo as idades dos 16, 17 e 18 anos, as mais “aconselháveis” para se iniciar uma vida sexual activa).

Se cruzarmos esta análise com o sexo dos alunos inquiridos (gráfico 28), constata-se que os alunos do sexo masculino (barras azuis) têm uma perspectiva mais precoce para o início das relações sexuais do que as alunas (barras cor-de-rosa). De facto, se, por um lado, a maior parte dos rapazes responderam que é aos 16 anos que deviam ter início as relações sexuais (32,6%), tendo o segundo maior peso aqueles que acham que devia ser aos 18 anos (30,4%), por seu lado, as raparigas, na sua maior parte (33,8%), acham que o início das relações sexuais devia acontecer aos 18 anos, surgindo, em segundo lugar, as alunas que admitem o início da sexualidade activa a partir dos 17 anos (24,6%).

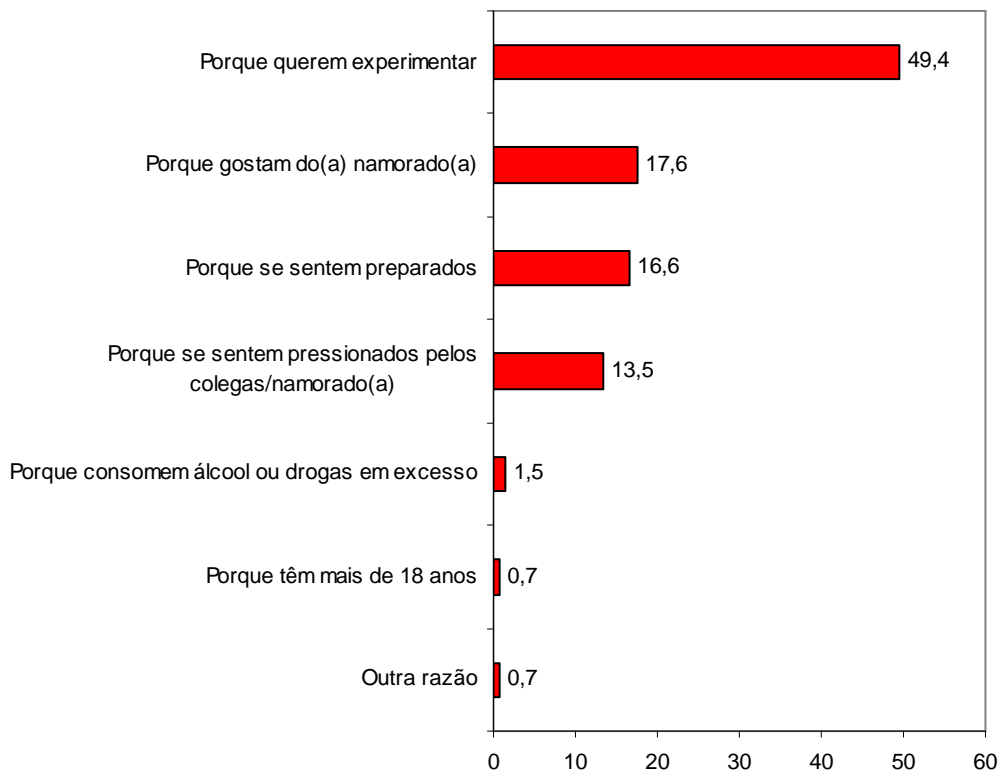
Gráfico 28

Idade com que os jovens deviam iniciar rel. sexuais, respostas segundo o género (%)



Em síntese, se, para ambos os sexos (na maior parte das respostas), o início das relações sexuais devem acontecer entre os 16 e os 18 anos, porém, se os rapazes referem, em maior número, que devem ser os 16 anos a idade de início das relações sexuais, as raparigas, afirmam, com maior percentagem, que é com 18 anos que os jovens devem iniciar a vida sexual activa.

No que concerne às causas mais frequentes que proporcionam o início das relações sexuais, a “experimentação” da sexualidade assume o maior peso entre o universo de respostas (49,4%). Em segundo lugar, assume maior peso o afecto/amor que sentem pelos respectivos “parceiros” (17,6%), surgindo imediatamente a seguir os que consideram que é por os jovens se sentirem preparados que se iniciam nas relações sexuais (16,6%). Destaque ainda para a percentagem de alunos que afirmaram que é a pressão exercida por colegas/namorado(a) que levam os jovens a ter a primeira relação sexual (13,5%).

Gráfico 29**Principal razão para a 1ª rel. sexual (%)**

Em termos de informação sobre os métodos contraceptivos, os alunos de Odivelas revelam um elevado grau de informação acerca dos mesmos, revelando, assim, um significativo contacto com a educação contraceptiva.

Gráfico 30

Sabes o que são métodos contraceptivos?

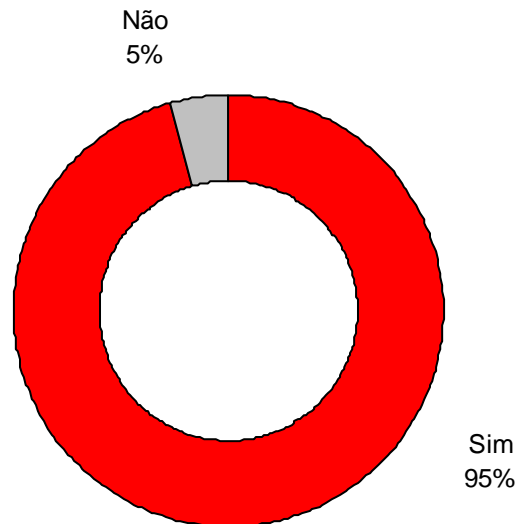
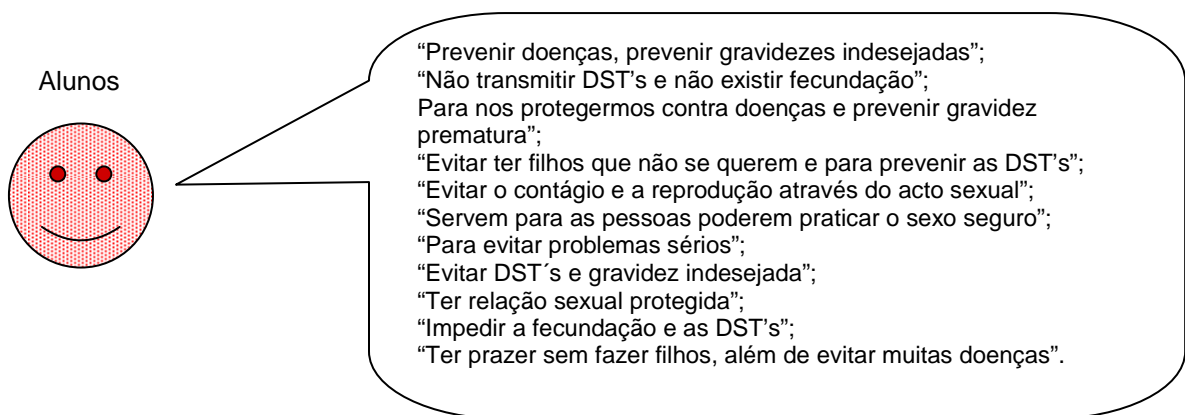


Figura 5

“Para que servem os métodos contraceptivos?”



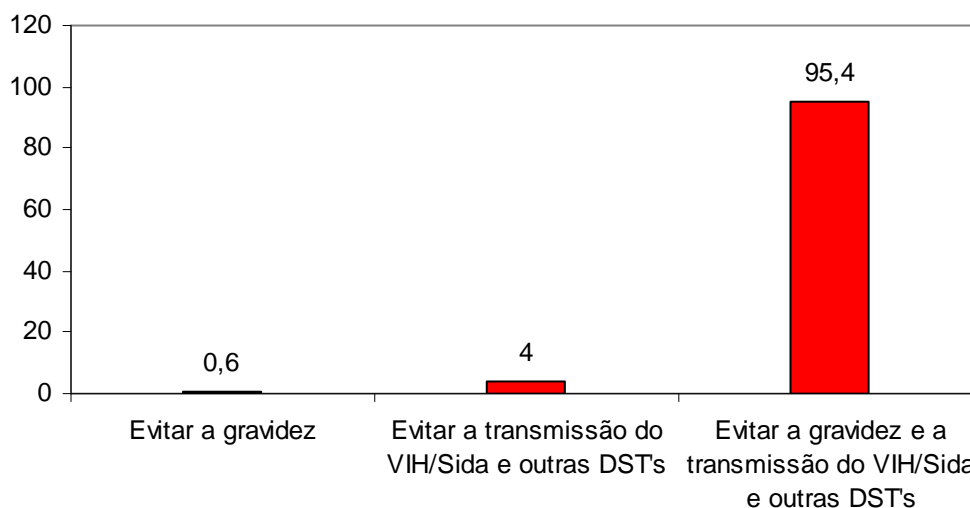
A partir das afirmações dos alunos, é possível constatar que, apesar de demonstrarem conhecimento das diversas utilidades que alguns métodos contraceptivos podem ter, os alunos parecem confundir contracepção com prevenção de IST, o que é compreensível dada a visibilidade/popularidade do preservativo, como é possível comprovar nos resultados da análise seguinte.

Em relação aos métodos contraceptivos que os alunos mais conhecem, o destaque vai para o preservativo (feminino e masculino), pílula e dispositivo intra-uterino (DIU), tendo sido estes os mais referidos, não obstante, também terem sido referidos com significativa frequência, outros métodos, como é o caso da pílula do dia seguinte, o método de calendário, diafragma, vasectomia e a laqueação das trompas. O preservativo, foi, de facto, o contraceptivo mais referido, sendo assumido como um “instrumento” de saúde na sua dupla utilidade (contraceptivo e meio preventivo de doenças) e sendo de relativo fácil acesso (em algumas situações é distribuído gratuitamente, não é necessário uma consulta médica para o usar nem tão pouco é adquirido unicamente nas farmácias).

De facto, a partir do gráfico apresentado, (nº 31), é possível constatar que o preservativo assume um papel determinante no quadro da informação de cariz preventivo dos alunos, uma vez que a “camisa de Vénus” é vista tanto como tendo uma importância anticonceptiva bem como um método preventivo de grande relevo no âmbito das IST's (95,4%).

Gráfico 31

O preservativo deve ser usado para... (%)

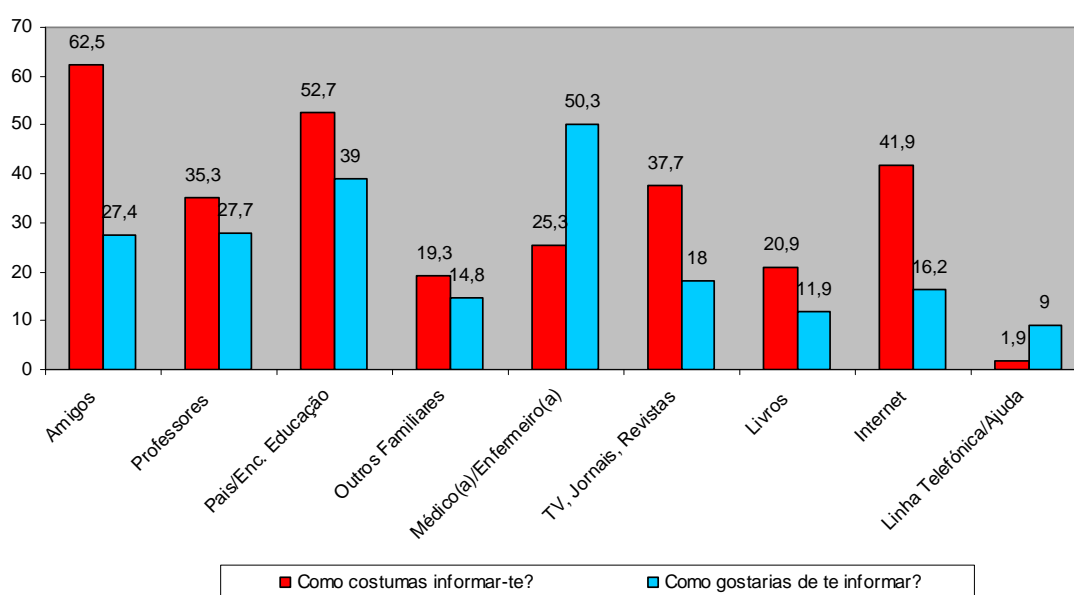


Sobre este assunto, importa ainda salientar que um aluno informado não é necessariamente um aluno consciente e responsável, isto é, a facilitação no acesso à informação, por si só, não faz a educação sexual. A este nível, ganham especial relevo as acções educativas que ajudem os jovens a processar, a seleccionar e a contextualizar as informações que recebem (dentro e fora da escola) no seu quotidiano.

No âmbito da sexualidade, à semelhança de outras problemáticas, também aqui os jovens não estão isolados do mundo em que vivem (gráfico 32 – barras vermelhas), uma vez que, para além dos amigos (62,5%) e dos pais (52,7%), enquanto fontes de informação primordiais, a informação sobre sexualidade que é proveniente da Internet (41,9%) e da comunicação social (37,7%) também assume especial relevo. Esta constante exposição dos jovens a mensagens (explícitas ou implícitas) alusivas ao sexo e à sexualidade fazem com que torne cada vez mais urgente o reforço da educação sexual nestas idades.

Gráfico 32

Fontes de informação acerca da Sexualidade - resposta múltipla (%)



Quando questionados sobre a forma como gostariam de ser informados sobre sexualidade (barras azuis), aqui, os técnicos de saúde (médicos/as, enfermeiros/as) assumem a maior representatividade - 50,3% (que constitui um aumento para o dobro dos alunos que, actualmente, já recorre a este tipo de fonte de informação (25,3% - barras vermelhas). Seguem-se os pais/enc de educação com 39% de respostas e os professores com 27,7%. Com um valor mais residual, surgem alguns casos que gostariam de recorrer à ajuda através de linha telefónica (9%), percentagem esta, que significa um acréscimo relativamente significativo face à percentagem de casos que já recorre, actualmente, a este tipo de serviço (1,9%).

7 – A RELAÇÃO ENTRE OS VÁRIOS AGENTES EDUCATIVOS

Na comunidade escolar, torna-se primordial promover a articulação entre os vários agentes educativos, em que a especificidade e papel de cada um deverá ser respeitado e valorizado. O trabalho conjunto das várias estruturas educativas existentes, afigura-se essencial para uma boa educação global das crianças e jovens, onde se inclui naturalmente a educação sexual.

Neste sentido, na área da educação sexual, os vários agentes educativos desempenham um papel de relevo, tanto no plano interno da escola (alunos, professores, técnicos/psicólogos, auxiliares de acção educativa, associações de pais, associações de estudantes) como no plano da relação com o exterior (ex: centros de saúde). A escola que promove a saúde, é uma escola que constitui um local por excelência para trabalhar com os alunos, professores, técnicos, pais e comunidade envolvente no sentido de os capacitar para opções educativas saudáveis.

No plano da relação Escola-Família, a escola surge como um complemento (e não por oposição) ao contexto familiar (instância também primordial na educação e orientação dos jovens em matéria de sexualidade), em que a articulação entre estes dois agentes educativos se pode estabelecer através de vários canais de comunicação no âmbito do processo educativo.

7.1 – Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico

No caso dos professores do 1º CEB a leccionar no concelho de Odivelas (quadro nº 7), quando se desenvolvem actividades na área da educação sexual, as suas opiniões vão no sentido de se privilegiar a “formação para os Pais/E.E.” (1=48,6%) bem como os “atendimentos mais individualizados às famílias” (1=20,3%). Em segundo plano (cat. 2), surgem os que consideram importante “reunir com os pais” acerca de questões sobre educação sexual dos seus educandos (31,9%). A recolha de opiniões dos pais face aos trabalhos desenvolvidos pelos seus educandos, é um dos aspectos referido em menor percentagem.

Quadro 7
Professores do 1ºCEB (%)
“O que considera mais importante ao nível da articulação com a Família?” (1 - mais importante; 5 – menos importante)

	1	2	3	4	5	Total (em linha)
Reuniões com Pais/Enc. Educação	17,4	31,9	14,5	15,9	20,3	100
Atendimento mais individualizado à Família	20,3	17,4	23,2	21,7	17,4	100
A Escola promover formação para Pais/Enc. Educação	48,6	8,6	17,1	8,6	17,1	100
A Escola recolher opiniões dos Pais/E.E. sobre trabalhos dos alunos	14,3	15,7	21,4	25,7	22,9	100
A participação dos Pais/E.E. em actividades na Escola	12,9	27,1	20	22,9	17,1	100

7.2 – Professores dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, dos Ensinos Secundário e Profissional

No que concerne aos professores que leccionam a partir do 2º CEB, à semelhança dos seus colegas do 1º CEB, também consideram mais importante “promover formação aos Pais/E.E.” aquando do desenvolvimento de actividades de educação sexual (1=45,7%). As “reuniões com os pais” são o segundo aspecto mais referenciado como mais importante (1=24%). Num segundo grau de importância, é reforçada, mais uma vez, a necessidade da formação para os Pais/E.E. (2=21,1%), sendo também dado um enfoque especial ao “atendimento individualizado à família” (2=19,9%)

Quadro 8
Professores dos 2º e 3º CEB, Secundário e Profissional (%)
“O que considera mais importante ao nível da articulação com a Família?” (1 - mais importante; 5 – menos importante)

	1	2	3	4	5	Total (em linha)
Reuniões com Pais/Enc. Educação	24	18	21	22	15	100
Atendimento mais individualizado à Família	19,3	19,9	24,7	12	24,1	100
A Escola promover formação para Pais/Enc. Educação	45,7	21,1	11,4	10,9	10,9	100
A Escola recolher opiniões dos Pais/E.E. sobre trabalhos dos alunos	13	16,7	22,8	26,5	21	100
A participação dos Pais/E.E. em actividades na Escola	22	17,9	15,5	22	22,6	100

7.3 – Auxiliares de Acção Educativa

O papel dos auxiliares de acção educativa assume significativa importância na intervenção junto dos alunos, no âmbito de questões relacionadas com a sexualidade. De facto, o quadro nº9 revela que nas relações com vários agentes educativos, é com os alunos que se regista um maior estreitamento de relações, quer ao nível de pedido de conselhos por parte dos alunos (91,2%), quer quando têm de intervir junto dos mesmos (98,1%). Para além da relação com os professores (85,7%), não é de descurar também a proximidade das famílias com este grupo profissional, principalmente nos graus de ensino mais baixos, onde é comum verificar-se que os pais troquem impressões e depositem confiança nestes profissionais (73,3%).

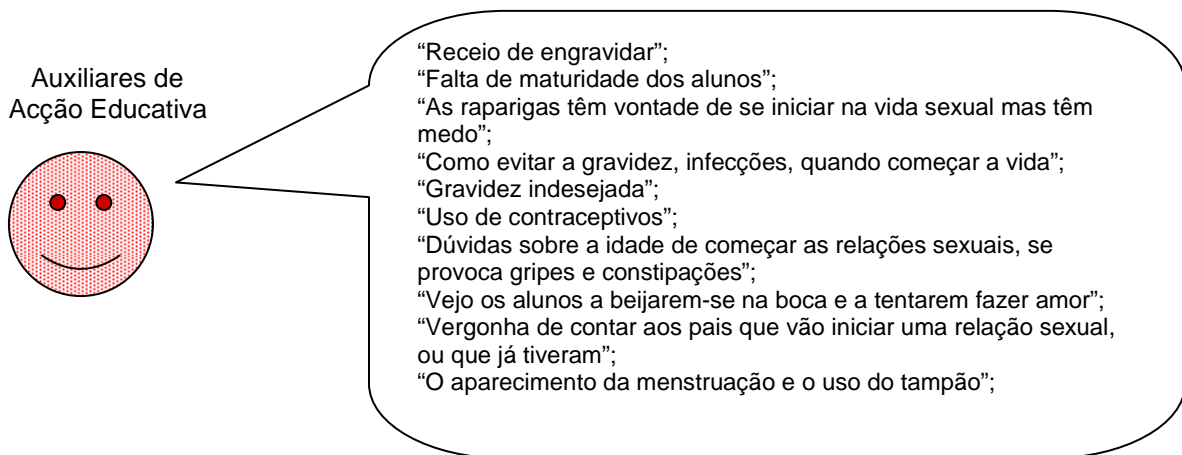
Quadro 9
Auxiliares de Acção Educativa (%)
Assinale se já lhe aconteceu alguma das seguintes situações

	Sim	Não	Total (em linha)
Já algum aluno lhe pediu conselhos sobre sexualidade?	91,2	8,8	100
Já alguma vez trocou impressões com Pais/E.E. sobre educação sexual?	73,3	26,7	100
Já alguma vez trocou impressões com Professores sobre educação sexual?	85,7	14,3	100
Já alguma vez interveio junto dos alunos devido a questões sobre sexualidade?	98,1	1,9	100

O facto de, por vezes, os alunos recorrerem aos auxiliares de acção educativa para se esclarecerem sobre sexualidade, torna incontornável o aspecto de se considerar este grupo profissional como um parceiro importante nos programas de educação sexual em meio escolar. Na figura seguinte, estão expressas o tipo de dúvidas sobre sexualidade mais frequentes com que estes profissionais se deparam aquando das suas interações com os alunos.

Figura 6

“No caso de abordar questões sobre sexualidade com os alunos, quais são as questões ou problemas mais frequentes com que se depara?”



A implementação da Educação sexual nas escolas passa por promover e efectivar a articulação entre a escola e a família através do envolvimento dos pais/encarregados de educação, directa ou indirectamente. Com efeito, as questões que se prendem com a saúde sexual dos alunos (educação sexual) suscita um leque variado de opiniões, saberes, posicionamentos e quadros ético-morais, sendo desejável a existência de consensos através de uma atitude de “escuta activa”, de informação, de respeito e de valorização das várias opiniões. A este nível, assume especial importância a interacção dos pais com a vida escolar dos seus educandos, o seu grau de participação na mesma, enquanto grupo directamente interessado nesse processo educativo.

7.4 – Associações de Pais/Encarregados de Educação

Com o presente estudo, foi possível diagnosticar que em termos de orgânica interna das associações de pais/encarregados de educação, estas, registam uma fraca participação/adesão dos pais/encarregados de educação nas respectivas estruturas associativas. Contudo, no plano da relação com as escolas, normalmente, acaba por ser assegurada com alguma frequência a presença e participação nas Assembleias de Escola.

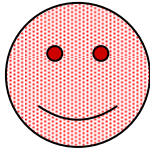
Em termos de grau de importância que as associações de Pais/E.E. inquiridas atribuem às várias temáticas leccionadas no espaço/tempo educativo, a educação sexual assume uma importância “média” (tendo sido a segurança nas escolas o tema mais valorizado), concordando, na sua totalidade, com a obrigatoriedade da educação sexual nas escolas.

Esta apreciação positiva, entronca nas próprias opiniões dadas pelos representantes das associações inquiridas:

Figura 7

“A educação sexual nas escolas tem como consequência ...”

Assoc. Pais/
Enc. Educação



“Uma melhor informação para os riscos”;
“Orientar e informar os alunos”;
“Informação, formação e orientação”;
“Educar para a vida”;
“Esclarecer os alunos para a importância das DST's e para o planeamento familiar”;
“Positiva no desenvolvimento psico-social”;

As associações inquiridas (6) consideram que a educação sexual deve ser abordada, com a mesma importância, tanto em meio escolar como no meio familiar. Apenas uma associação sobrepõe (em termos de importância) o meio familiar face ao meio escolar, no âmbito da abordagem da educação sexual com os respectivos educandos.

Em termos das acções e métodos a adoptar na articulação Escola-Família aquando da realização de actividades escolares que versem sobre a educação sexual, as associações de pais/encarregados de educação privilegiam, essencialmente, dois aspectos: a promoção de formação para pais/enc. de educação bem como a realização de reuniões entre os representantes da escola e os representantes destas associações.

7.5 – Associações de Estudantes

No que concerne às Associações de Estudantes (Escolas Secundárias), consideram que a educação sexual deve ser abordada de uma forma opcional, através das actividades extra-curriculares e/ou curriculares não-disciplinares, atribuindo a mesma importância tanto ao meio escolar como ao seio familiar, para se abordar a educação sexual.

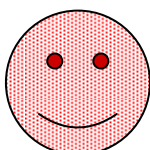
A articulação Escola-Associação de Estudantes no âmbito da educação sexual tem sido, praticamente, inexistente. De facto, segundo estas estruturas associativas, nunca receberam qualquer tipo de informação a esse respeito, nunca foram ouvidos/consultados, nem tomaram parte de qualquer decisão sobre assuntos de educação sexual na escola.

No campo das actividades em que as associações de estudantes gostariam de participar, foram realçadas as seguintes:

Figura 8

“Tipo de actividades em que a Associação gostaria de participar ao nível da educação sexual”

Assoc. de
Estudantes



“Sessões, debates sobre diversos temas, actividades em que o núcleo pudesse participar”;
“Desenvolver palestras, debates, acções de formação, visitas de estudo”;
“Debates a realizar ao nível das turmas”;

7.6 – Agrupamento de Centros de Saúde – Equipas de Saúde Escolar

A filosofia subjacente ao conceito de saúde escolar, implica a participação dos serviços de saúde, concretamente os Centros de Saúde, através da criação de projectos e parcerias com as escolas, no sentido de facilitarem a criação de condições para que os alunos e a comunidade educativa, em geral, desenvolvam plenamente as suas potencialidades e adquiram competências que lhes permitam fazer escolhas saudáveis.

O Agrupamento dos Centros de Saúde do concelho de Odivelas, ao englobar o Centro de Saúde de Odivelas e o Centro de Saúde da Pontinha, tem, nas respectivas Equipas de Saúde Escolar, os interlocutores privilegiados para a implementação de projectos direccionados à comunidade educativa e para a criação de parcerias em saúde escolar, no âmbito do Programa Nacional de Saúde Escolar (PNSE). Vários têm sido os projectos desenvolvidos por estas equipas de saúde escolar, salientando-se, no quadro seguinte, alguns desses projectos (entre outros) desenvolvidos nos últimos anos lectivos:

Quadro 10
Alguns Projectos desenvolvidos pelas Equipas de Saúde Escolar

Centro de Saúde	Projecto	Síntese Descritiva do Projecto	Parceiros no Projecto
C. S. Odivelas	“Ser saudável na adolescência”	Constituição de um grupo de trabalho na escola, a fim de conhecer o conceito de sexualidade dos adolescentes e os respectivos papéis sexuais.	E.B. 2,3 Avelar Brotero, Assoc. Para o Planeamento Familiar
C. S. Odivelas	“Informar, Prevenir e Amar”	Abordagem na escola de temas da sexualidade, informação e apoio aos jovens	Esc. Secundária de Odivelas; Assoc. Para o Planeamento Familiar
C. S. Odivelas	“Sexualidade, Sentidos e Sensações”	Desenvolver atitudes e conhecimentos para a vivência da sexualidade e afectividade	E.B.1 Odivelas
C. S. Pontinha	“O meu espaço”	Abertura de um espaço de atendimento aos jovens nas escolas, para esclarecimentos sobre sexualidade.	E.B. 2,3 Gonçalves Crespo; Esc. Secundária Braamcamp Freire
C. S. Pontinha	“Sexualidade e a Escola”	Acções de educação para a saúde, integradas no plano curricular escolar.	Externato Júlio César; Esc. Agrícola da Paiã; Escola Magiochi.

Os projectos desenvolvidos pelas equipas de saúde escolar, inscrevem-se na área da melhoria da saúde das crianças e jovens e da restante comunidade educativa, cujas actividades se direccionam, essencialmente, para a vigilância e protecção da saúde e para a aquisição de conhecimentos, capacidades e competências em promoção da saúde. São monitorizados os acontecimentos de saúde contidos no programa de saúde escolar que, directa ou indirectamente, interferem com a vida da escola, dos professores, educadores de infância, auxiliares de acção educativa, alunos e pais, e que pode condicionar a sua saúde. Desta forma, a Saúde Escolar afigura-se como mobilizadora da comunidade educativa em torno de projectos centrados no bem-estar e na qualidade de vida.

A relação entre as equipas de saúde escolar dos centros de saúde e as escolas constitui, de facto, um dos factores primordiais para o sucesso da implementação da educação sexual em meio escolar, ganhando especial relevo o papel dos profissionais de saúde (médicos, enfermeiros) e dos professores, sendo a qualidade das interacções entre os profissionais de ambos os sectores (saúde e educação) fundamental para uma efectiva parceria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação e Desenvolvimento Local são duas dinâmicas que se entrecruzam, numa relação de reciprocidade. Na sua dimensão sócio-pedagógica, a escola, ao ser um sistema de produção de saberes, estabelece também conexões com a comunidade local. A Educação tem, de facto, um papel estratégico enquanto elemento potencializador de transformações nas relações sociais, culturais e económicas, e, por conseguinte, na transformação das pessoas e da comunidade, com implicações nas dinâmicas de desenvolvimento local e integrado. Na Escola pluridimensional, a dimensão lectiva é considerada apenas uma primeira dimensão pedagógica da instituição escolar, ao lado da qual aparece uma segunda dimensão pedagógica: a extracurricular ou extra lectiva. É a interacção entre as actividades curriculares e extracurriculares que garante a unidade pedagógica das escolas. No presente estudo, os vários agentes educativos manifestaram a suas opiniões acerca das iniciativas e acções sócio-pedagógicas que deviam ser promovidas no âmbito da educação sexual, quer para reforçar as já existentes quer para promover novas iniciativas e projectos, a saber:

Figura 9

“Que actividades gostaria de desenvolver/participar no âmbito da Educ. Sexual?”

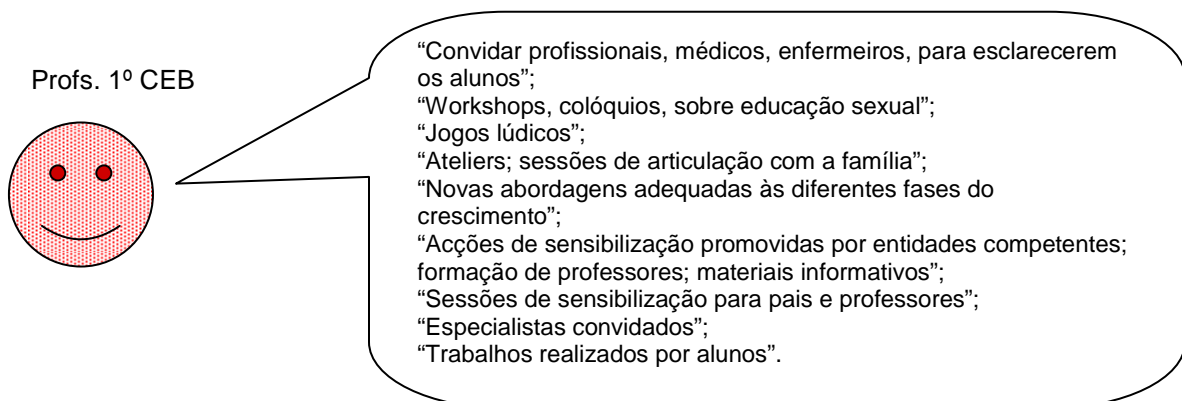


Figura 10

“Que actividades gostaria de desenvolver/participar no âmbito da Educ. Sexual?”

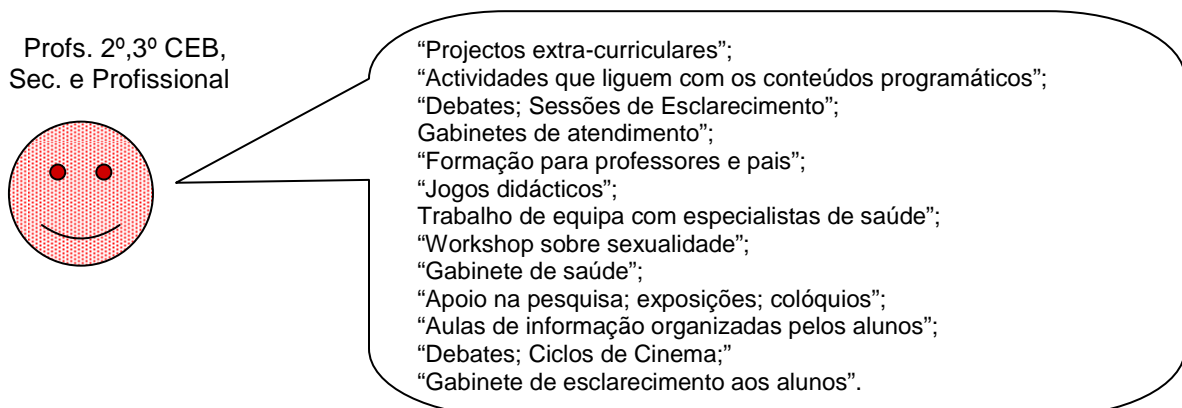
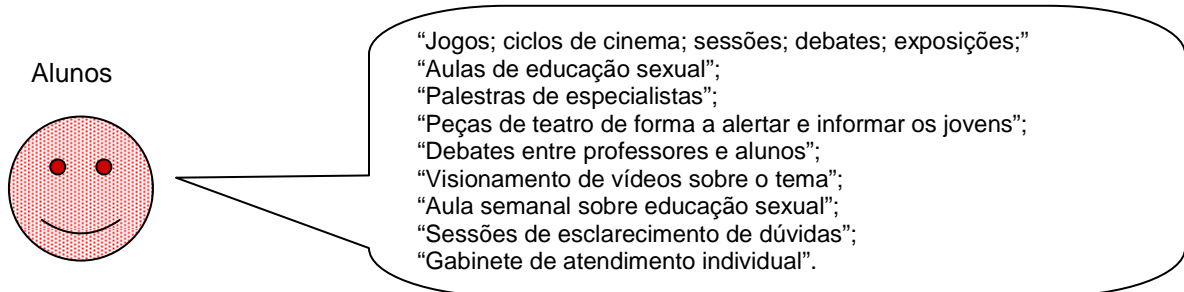


Figura 11
“Em que tipo de actividades gostarias de participar no âmbito da Educ. Sexual?”



Segundo as sugestões dos vários agentes educativos (referidos nas respectivas figuras), à semelhança de outras temáticas, também a área da educação sexual deverá surgir como uma dimensão pedagógica, tanto disciplinar/curricular como não-disciplinar/extracurricular. Aqui, tanto as actividades lectivas como os projectos educativos constituem um poderoso instrumento e enriquecimento sócio-cultural e cívico dos educandos, em que a relação da escola com o meio e a comunidade envolvente impulsiona, muitas vezes, as relações com as autarquias.

A Câmara Municipal de Odivelas, porque já desenvolve (através da sua Divisão de Saúde e da Prevenção das Toxicodependências) um conjunto de projectos e iniciativas vocacionados para a comunidade educativa na área da prevenção e educação para a saúde, cuja implementação conta com o envolvimento dos agentes educativos, faz sentido que consolide um leque de actividades/acções/projectos na área da educação sexual, com base no conhecimento da realidade da actividade sócio-educativa a este nível. Tanto na qualidade de promotora de projectos como na vertente de parceira, são formas de intervenção que deverão procurar dar respostas às necessidades identificadas e diagnosticadas pelas escolas com vista a potenciar as actividades que elas já realizam ou ajudar a promover novas actividades, no âmbito da educação sexual, estimulando, assim, a própria iniciativa e dinâmica das escolas em conjugação de esforços e criação das respectivas sinergias.

Na dinâmica criança/jovem-família-escola-técnicos de saúde-autarquias, a escola é um espaço privilegiado, pelo seu contributo na aquisição e estruturação dos conhecimentos, na interiorização de valores e no desenvolvimento de práticas que vão constituir um suporte essencial para a cidadania.

Não se pretendendo conceber a pedagogia sócio-educativa como sendo invasiva das fantasias e processos de aprendizagem “naturais” e espontâneas da vivência afectivo-sexual dos jovens, os dados apurados realçam a educação sexual nas escolas (enquanto via de ensino formal e técnico-científico) como forma de contribuir para uma vivência mais informada, mais gratificante, mais autónoma e mais responsável da sexualidade. A este conjunto de premissas, acresce a necessidade de respeito pela individualidade de cada um, de forma a não colidir com todo um quadro de referências éticas e morais existentes.